



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

FRANCISCO ÉRICK DE OLIVEIRA

– VOCÊ É CATÓLICO?

– SIM, EU SOU *SHALOM*.

UMA ANÁLISE DO CATÓLICO *SHALOM* EM REDENÇÃO – CE

REDENÇÃO

2014

FRANCISCO ÉRICK DE OLIVEIRA

– VOCÊ É CATÓLICO?

– SIM, EU SOU *SHALOM*.

UMA ANÁLISE DO CATÓLICO *SHALOM* EM REDENÇÃO – CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.

REDENÇÃO

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

O45v Oliveira, Francisco Érick de.

Você é católico? – Sim, eu sou Shalom: uma análise do católico Shalom em Redenção - CE. / Francisco Érick de Oliveira. Redenção, 2014.

51f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.
Inclui Referências.

1. Ação católica brasileira. 2. Comunidades cristãs Igreja Católica. 3. Religião e sociologia. I. Título.

CDD 200

FRANCISCO ÉRICK DE OLIVEIRA

– VOCÊ É CATÓLICO?

– SIM, EU SOU *SHALOM*.

UMA ANÁLISE DO CATÓLICO *SHALOM* EM REDENÇÃO – CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira.

Aprovado em ____/____/____,

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Bas'llele Malomalo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar o cotidiano do *Shalomita* – indivíduo adepto a Comunidade Católica *Shalom* – após seu ingresso na Comunidade partindo-se da hipótese de que o “carisma” *Shalom* modifica a forma de ser e pensar dos sujeitos. Através da análise de suas formas de expressão religiosa, linguajar, pensamentos e interpretações do meio social na “Obra” *Shalom* de Redenção – CE disserta-se sobre sua submissão quanto à vida em Comunidade, a segregação que o *Shalomita* admite viver para não permitir a existência de conflitos de ideias com quem não aderiu ao *Shalom*, no intuito de assegurá-lo em um círculo de pessoas que vivem as mesmas regras e assim não “desviá-lo”, e a forma como o *Shalom* consegue manter seus indivíduos alienados e atrelados ao grupo, além de compará-lo com um católico não adepto a Comunidade, buscando argumentações partindo-se do pressuposto de que reconhecer-se como *Shalomita* é enxergar-se como um católico melhor e mais instruído.

Palavras chaves: Renovação Carismática Católica, Comunidade Católica *Shalom*, “Obra” *Shalom* de Redenção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: HISTÓRICO DE SURGIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SUA CHEGADA AO BRASIL, O SURGIMENTO DA COMUNIDADE CATÓLICA <i>SHALOM</i> EM FORTALEZA – CEARÁ E A INSTALAÇÃO DESTA EM REDENÇÃO – CEARÁ	11
1.1 A Renovação Carismática Católica nos Estados Unidos da América	11
1.2 A Renovação Carismática no Brasil.....	14
1.3 A Renovação Carismática Católica em Fortaleza: Comunidade Católica <i>Shalom</i>	16
1.4 A Renovação Carismática Católica: “Obra” <i>Shalom</i> de Redenção	20
CAPÍTULO II: O COTIDIANO DO “SHALOMITA”, O TRABALHO MISSIONÁRIO DOS MINISTÉRIOS E AS CONTRADIÇÕES BÁSICAS DA COMUNIDADE CATÓLICA <i>SHALOM</i>	24
2.1 A Comunidade <i>Shalom</i> e a transformação comportamental dos indivíduos	24
2.1.1 Ministério de interseção.....	24
2.1.2 Ministério de Música	26
2.1.3 A coordenação de vendas, bazar, etc.	29
2.1.4 Missionários e convidados.....	30
2.1.5 Equipe do Seminário de Vida no Espírito Santo “Kids”	30
2.1.6 Ministério de Evangelização	31
2.2 A segregação dos adeptos ao <i>Shalom</i>	34

CAPÍTULO III: O PARALELISMO DA COMUNIDADE CATÓLICA <i>SHALOM</i> DE REDENÇÃO EM RELAÇÃO À PARÓQUIA/PÁROCO DA CIDADE	38
3.1 <i>Shalom</i> x Padre de Redenção	46
3.2 Contradições da Comunidade <i>Shalom</i>	41
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema e o desejo de estudar o indivíduo adepto ao *Shalom* em Redenção tem ligação direta com meu trajeto pessoal dentro da Comunidade *Shalom* na cidade. Sou de família interiorana e fortemente Católica, portanto, desde pequeno estive envolto numa educação religiosa que abrangia todos os âmbitos da minha vida, até mudar de cidade e ingressar em uma Universidade Federal.

Nasci em Baturité – CE, e vivi toda a minha vida em Mulungu – CE, há 120 km de Fortaleza. Enquanto mulunguese fui catequista, missionário, acólito, participei da equipe de Liturgia e por muitos anos integrei grupos de cântico. Durante a adolescência tive contato com a Renovação Carismática e ao mudar-me para Redenção – CE, em 2012, para estudar, fui inserido na Comunidade Católica *Shalom*.

Eu conheci o *Shalom* em Junho de 2012, enquanto a Universidade entrava em greve. Então, até Setembro deste ano, o único conhecimento que eu tinha sobre religião era produzido e repassado pelo próprio meio religioso. O *Shalom* “apossou-se” do meu cotidiano durante esses meses, no entanto, em Setembro, com o fim da greve e início das aulas pude conhecer, pela primeira vez, o que se sabia sobre religião historicamente, através de outros olhares. Foi suficiente para que em apenas um mês minhas ideias fossem modificadas e as minhas concepções religiosas frustradas. Aos poucos percebi que nem tudo o que eu acreditava religiosamente correspondia ao modo como a religião, a Igreja, agiu historicamente. Daí o *Shalom* foi perdendo seu sentido e a vida universitária preenchendo meu dia-a-dia levando ao meu afastamento.

Portanto, cursar o Bacharelado em Humanidades fez com que eu pudesse enxergar o mundo de diversas formas, desconstruir histórias únicas, como proposto por Adichie Chimamanda. No entanto, afastar-me do *Shalom* não foi suficiente. Durante o curso de um componente curricular ministrado pelo meu orientador, Professor Doutor Gledson Ribeiro, foi proposto a turma a produção de um caderno de campo com temas de preferências dos alunos. Foi a oportunidade que eu tive de amadurecer o desejo de compreender, com apoio teórico, o indivíduo que aderiu a Comunidade *Shalom*, baseando-me em minhas observações de campo e na observação participante como ex-membro do grupo. “Como o *Shalom* consegue alienar e estimular as pessoas a modificarem seus cotidianos em favor de uma missão de santificação humana?”. Esta foi a primeira pergunta que levou-me ao caderno de campo e na sequência a

esta monografia. E como toda pesquisa, aos poucos o tema foi sendo incrementado com diversas percepções até chegar a este resultado final.

A religiosidade dos indivíduos seguidores da Igreja Católica vem sendo modificada desde meados da década de 60. Após o surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC) nos Estados Unidos da América, a forma como o Católico atribuiu novo significado a sua crença produziu algumas rupturas e transformou a expressividade dos sujeitos.

Após o Concílio Vaticano II a Igreja Católica passou por diversas transformações que modificam a sociedade, haja vista que seus adeptos transmitem no seu cotidiano – nas instituições de trabalho, nos espaços públicos, etc. – aquilo que absorvem dentro dos templos.

Nasce um novo tipo de linguagem e de expressões estabelecidas pelo convívio e interação dos indivíduos no seio das comunidades, e este fato não pode passar despercebido. O sujeito se torna completamente imerso naquilo que vive e acredita religiosamente e passa a enxergar o mundo através apenas da ótica religiosa.

Neste trabalho disserta-se e discute-se criticamente como o “Shalomita” – adepto da Comunidade *Shalom* que faz parte da Renovação Carismática Católica – modifica o seu cotidiano para atender as regras e ao “carisma” que lhes são apresentados durante seu processo de “conversão” e transição da Igreja Católica conservadora para a visão Católica renovada.

No primeiro capítulo constrói-se um itinerário, no qual se descreve a história do surgimento da Renovação Carismática Católica nos Estados Unidos da América, e com o passar dos anos sua chegada ao Brasil, apresentando-se os sujeitos responsáveis pelo “movimento” e as estratégias que foram utilizadas para sua consolidação.

Ainda no capítulo 1 delimitam-se quais os principais ideais da RCC e de que forma a Igreja Católica percebe e descreve sua participação no meio religioso. Após sua consolidação em solo brasileiro, diversas comunidades surgiram por todos os Estados do país, e uma das principais chama-se Comunidade Católica *Shalom*, a qual se instalou em Fortaleza – Ceará, fundada por Moysés Azevedo.

Explana-se os objetivos do carisma de evangelização da Comunidade Católica *Shalom* de forma que podemos migrar de Fortaleza e estabelecer como campo e objeto de

estudo a “obra” *Shalom* de Redenção, a qual através de entrevistas e pesquisa de campo foi possível construir o relato de sua instalação e consolidação na cidade.

Em seguida, no capítulo 2, estuda-se a transformação do cotidiano, hábitos e pensamentos dos “Shalomitas” a partir do momento em que eles aderem ao *Shalom*, buscando entender suas formas de expressão do divino e concepção deste catolicismo envolvido pela Renovação Carismática.

Estão delimitados cada um dos principais ministérios que compõem a obra no intuito de compor os objetivos da Comunidade *Shalom*, sua forma de “arrebanhamento” de fieis e principalmente a manutenção dos convertidos no seio do grupo, assunto no qual discute-se em um tópico específico denominado como: “a segregação dos adeptos ao *Shalom*”.

No capítulo 3, expõe-se o paralelismo que a Comunidade Católica *Shalom*, “obra” de Redenção, mantêm com a paróquia da cidade. Não existe um contato entre a comunidade e a paróquia o que possibilita o entendimento de que são duas igrejas, uma dentro da outra. Discorre-se também sobre os fatores que levam a ausência de diálogo e as contradições que a intolerância alavanca.

As metodologias utilizadas na construção desta pesquisa foram: as pesquisas de campo, nas quais registrou-se os fatos observados durante a realização de um Seminário de Vida no Espírito Santo (SVES), em Fevereiro de 2014, e a observação participante nos grupos de oração realizados em Redenção.

Durante a realização do SVES foram coletados diversos dados através de entrevistas individuais e bate papos coletivos e que estão diluídos no corpo do texto. Como metodologia também adotou-se a leitura e estudo de livros, dissertação de mestrado, sites oficiais de instituições e artigos acadêmicos de autores que escrevem sobre os grupos de oração, Renovação Carismática Católica, Comunidade *Shalom*, etc., e que realizam descrições e registros históricos sobre este assunto ou análises sociológicas como: Julia Miranda, Cecília L. Mariz, Brenda Carranza, Reginaldo Prandi, Chagas Júnior, Max Weber, etc. Através destes autores é realizado o embasamento teórico no intuito de conduzir a pesquisa às melhores formas de enxergar o católico *Shalom* em Redenção e descrevê-lo, além de analisá-lo criticamente.

CAPÍTULO I: HISTÓRICO DE SURGIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SUA CHEGADA AO BRASIL, O SURGIMENTO DA COMUNIDADE CATÓLICA *SHALOM* EM FORTALEZA – CEARÁ E A INSTALAÇÃO DESTA EM REDENÇÃO – CEARÁ.

1.1 A Renovação Carismática Católica nos Estados Unidos da América.

A Renovação Carismática Católica (RCC), segundo Carranza (1998) e Miranda (1999), nasceu em 1967, nos Estados Unidos, em um retiro na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, dentro do contexto Pós Concílio Vaticano II (1962-1965).

Estudantes e professores de teologia, integrantes de “cursilhos”, de três universidades americanas, reunidos para rezar por uma renovação da fé, receberam a efusão do Espírito Santo. Outros jovens e adultos, protestantes e católicos, juntaram-se ao grupo inicial. A primeira comunidade carismática Word of God foi criada, e a então denominada Renovação Carismática saiu dos Estados Unidos para o resto do mundo. Hoje, encontram-se comunidades que reivindicam essa origem na Europa Central, no Leste Europeu, na Escandinávia e na África, e até num país como a Índia, onde a tradição religiosa hegemônica está bem distante do catolicismo (MIRANDA, 1999, p. 43).

Inicialmente a RCC foi reconhecida apenas como um “movimento” onde os fieis buscavam um “novo ardor” e “entrega espiritual”. Foram as propostas do Concílio Vaticano II que impulsionaram esse novo sentimento de “ser Igreja”, de firmar os fieis de forma mais concreta e presente na “missão Católica”. Seria uma proposta renovada para relacionar o indivíduo e a religião, um espaço novo e ao mesmo tempo focado ao dogma para a expressão do sagrado. Uma convocação à participação mais efetiva do fiel leigo.

A RCC utiliza de todas as formas rituais adotados pela Igreja durante os séculos (missa, terço, oração...), mas são incorporados novos meios de expressão com os quais o homem da sociedade contemporânea se identifica melhor (CARRANZA, 1998).

Sobre as dificuldades de “avivamento”, Brenda Carranza (Idem) converge com o que é considerado por Júlia Miranda (1999). Esta última afirma que a RCC nasce baseada na necessidade que a Igreja encontrava de se adaptar ao homem pós-moderno, as populações urbanas e proporcionar “(...) um espaço de solidariedade entre os fieis que sofriam de solidão

e anonimato nas cidades” (DOC. TEOLOGIA DOS MOVIMENTOS, 1997, *apud* MIRANDA, 1999, p. 22).

Para Julia Miranda “a Renovação pentecostal é anterior à sua manifestação em meio católico neste século. Inicia-se numa Igreja de negros de Azusa Street, na cidade americana de Los Angeles, em 1906 (...)” (Idem, p. 44). Essa “renovação pentecostal” era dirigida por um pastor ecumenista, William J. Seymour¹. Miranda considera, portanto, que por ter sido a princípio uma iniciativa dentro da Igreja Protestante, a Renovação foi e ainda é bastante estigmatizada na Igreja Católica.

Os Carismáticos católicos visam centrar suas vidas na intimidade dos lares, desenvolvendo o controle moral no âmbito familiar e dos valores sexuais. A sua principal fonte de inspiração é baseada nos ensinamentos providos do “Espírito Santo” (Atos dos Apóstolos, 2²). Por incorporarem ritos de cura, de orações em línguas e os transe coletivos, são facilmente confundidos com grupos Pentecostais Evangélicos, e a característica principal que diferencia os Carismáticos católicos dos Pentecostais Evangélicos é a devoção a Nossa Senhora, a fidelidade ao Papa e o amor exacerbado a Eucaristia (PRANDI, 1997).

Cecília L. Mariz (2005), quanto ao movimento Pentecostal nas Igrejas Protestantes e o Movimento de Renovação Católica, afirma que a diferença essencial foi a forma que as duas Igrejas agiram. Enquanto o Movimento de Renovação Pentecostal das Igrejas Evangélicas gerava rupturas, criando diversas outras Igrejas, a estrutura Católica de controle hierárquico pôde garantir a manipulação do crescimento da Renovação Carismática Católica evitando que esta gerasse outras ramificações/Igrejas e fortalecendo o meio católico através da volta dos fieis “reavivados”.

O Concílio Vaticano II foi o marco responsável pelo impulso quanto às mudanças no meio católico. Este tinha como principal objetivo “a tentativa de adequar a Igreja às necessidades do mundo moderno – tanto quanto o cristianismo de libertação” (MIRANDA, 1999, p. 46).

¹ Os evangélicos pentecostais tiveram sua origem no “reavivamento” do protestantismo nos Estados Unidos, caracterizados pelo incansável exercício de conversão dos mais pobres e desamparados. Dos pentecostais, 33% eram muito pobres, com renda familiar mensal de até duzentos dólares. A taxa de 8% de desempregados entre os pentecostais estava acima da média nacional de 6%, enquanto a taxa de ocupados como trabalhadores por conta própria irregulares – os que vivem de bicos e biscates, componentes da parcela marginal de trabalhadores – chegava a 27%, quando a taxa nacional de trabalhadores era de 19% (PRANDI, 1997).

² De acordo com o livro “Atos dos Apóstolos” da Bíblia Católica, no dia de Pentecostes, o “Cristo Ressuscitado” apareceu, em forma de “línguas de fogo”, sobre os apóstolos que estavam reunidos num “Cenáculo”. Estes, desde então, foram “ungidos” pelo “Espírito Santo” e passaram a congregar os ensinamentos do Cristo.

Brenda Carranza (1998, p. 22) destaca as seguintes características da RCC: “(...) renovação litúrgica e bíblica, a revisão da função do leigo no mundo e na Igreja, a procura de novas relações entre a igreja e a sociedade moderna e outras religiões”. Segundo esta autora, foi a partir das novas propostas de reorganização do carisma e missão católicos discutidos no Vaticano II que surgiram os grupos leigos na Igreja, tais como os grupos de Oração Marianos (Equipes de Nossa Senhora), os grupos de Casais com Cristo, Cursilhos de Cristandade, Focolares, Renovação Carismática Católica, entre outros.

Considerando a grande quantidade de Protestantes nos Estados Unidos durante a década de sessenta é relevante à influência do Pentecostalismo das Igrejas Evangélicas sobre a embrionária RCC. Nessa época eram bastante conhecidos os *Born again*, ou “renascidos” (CARRANZA, 1998) que partilhavam de uma experiência de vida no Espírito Santo e estes faziam parte dos grupos de oração que participaram direta ou indiretamente da fundação da RCC nos Estados Unidos.

(...) os *Born again* podem ser divididos em três grupos. O primeiro grupo é integrado por membros provenientes do pentecostalismo tradicional ou clássico, caracterizados por sua origem social pobre, *berço* sociocultural mais simples, pessoas com menos recursos econômicos e rigidez de costumes. O segundo grupo é composto por carismáticos que enfatizam os dons, carismas e o batismo no Espírito Santo, e procedem, quase sempre, da classe média americana. E o terceiro grupo, surgido nos anos oitenta, chamado de *a terceira vaga*, retoma elementos do primeiro e do segundo, enfatizando o *ardor missionário* e o arrependimento para converter cidades inteiras – no caso dos carismáticos católicos acrescentam-se as revelações e mensagens da Virgem Maria em Medjugorje (CARRANZA, 1998, p. 21-22).

Os grupos de oração são o grande foco da RCC. Neles as pessoas podem extravasar suas emoções e tensões do dia-a-dia através do “louvor” intenso, das orações conjuntas, através dos ritos de cura e das “partilhas” e “acompanhamentos” – que têm como objetivo a formação religiosa e social do indivíduo em conjunto com os valores católicos (PRANDI, 1997).

Brenda Carranza (1998) destaca que a RCC começou a ser perfilada e ganhou algum tipo de valor a partir do reconhecimento internacional do Papa Paulo VI, mas diz-se que o grande propulsor dos movimentos de Renovação Carismática Católica no Mundo foi o Papa João Paulo II (CHAGAS JÚNIOR, 2011), reconhecido até a entrada do Papa Francisco como o mais carismático do meio católico. Este se empenhou mais intensamente na formação e estabelecimento dos objetivos do movimento. Tratarei disto mais tarde no desenvolvimento do histórico de formação da Comunidade Católica *Shalom*. Antes pretendo compor o caminho da RCC no Brasil.

1.2 A Renovação Carismática no Brasil

A RCC no Brasil foi criada por volta de 1969, na Vila Brandina, Campinas, São Paulo. Os primeiros traços do que mais tarde seria identificado como a RCC brasileira foram experimentados e fundamentados no Sul do Brasil e depois se espalharam por todas as regiões do país. Brenda Carranza (1998) entrevistou o Padre Haroldo Joseph Rahm³, em 1997, Campinas – São Paulo, e este afirmou que unificou características do que ele considera “espiritualidade jesuíta” com elementos da Juventude Estudantil Católica (JEC), Legião de Maria, Juventude Operária Católica (JOC), etc. no qual ansiava formar lideranças cristãs num período que correspondia a Ditadura Militar, e aí nasceram talvez os primeiros grupos de oração no Espírito Santo, grupos estes considerados hoje como o ponto central dentro o carisma das Comunidades de Renovação Carismática Católica.

A Igreja Católica desde os anos 50 disputava espaço com os umbandistas que cresciam cada vez mais, e com os Protestantes que obtinham mais sucesso do que estes dois primeiros através de suas estratégias de “arrebanhamento”. A chegada da RCC no Brasil nos anos 60 foi de grande importância nesse cenário de “decadência” da Igreja Católica. Os jovens aderiram aos rituais de Renovação Carismática, pois suas formas de expressão passaram a atender as necessidades de explorar o indivíduo religiosamente (PRANDI, 1997).

Carranza (1998) destaca que rapidamente os movimentos da RCC brasileira, assim como aconteceu nos Estados Unidos, causaram incômodo, por que eram comparados ao pentecostalismo protestante: “(...) já que pentecostal ou seita era a designação pejorativa dos evangélicos que não pertenciam às Igrejas históricas” (CNBB, 1973 *apud* CARRANZA, p. 29). De acordo com a autora, realizou-se no ano de 1973, em Brasília, com a presença do Padre Haroldo, uma reunião na CNBB, onde definiu-se que a RCC seria uma nova forma de ser Igreja. Padre Haroldo destacou que a RCC não deveria ser vista como um “movimento”, e sim como uma forma das pessoas estabelecerem novo relacionamento com Deus através dos “dons despertados pelo Espírito Santo que, traria todo o ardor para o engaje em uma comunidade, aceitando a alegria do “servir à Deus” (Idem, p. 30). Carranza destaca ainda que o Padre Eduardo associava:

³ Haroldo Joseph Rahm nasceu em Tyler, no Estado do Texas, em 22 de Janeiro de 1919. Veio para o Brasil em 1964 instalando-se em Campinas e se naturalizou como brasileiro em 1986. É criador dos Movimentos de Lideranças Cristãs (TLC) e fundador da RCC no Brasil (INSTITUIÇÃO PADRE HAROLDO, 2013).

o nascimento da RCC mais a uma corrente espiritual do que um movimento, pois esta nasce da renovação litúrgica proposta pela reforma do Vaticano II, que é mais ampla. Ainda mais, a RCC é uma necessidade da Igreja e, até uma condição para a Igreja se reformar interiormente (Idem).

De acordo com o “Portal da Renovação Carismática Católica” a disseminação do Carisma da Renovação foi muito rápida. Em geral, foi através do Padre Haroldo Joseph Rahm que nasceram os primeiros grupos de oração no Brasil. As palestras e retiros ficavam sob a responsabilidade dos Padres Eduardo Dougherty⁴ e George Kosicki⁵ (A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL, 2005-2010).

Os grupos que apoiaram estruturalmente a RCC no Brasil foram os que ministravam cursos de “Treinamento de Lideranças Cristãs” (TLC) e os “Cursilhos de Cristandade” fundados na Espanha, em 1949, pelo Mons. Juan Hervás. O TLC pretendia inserir nos jovens uma experiência de vida espiritual mais intensa, além da formação do espírito comunitário e a purificação de vida. Os cursilhos de Cristandade tinham como alvo os “profissionais católicos” e seus objetivos estavam voltados à reorganização da liderança leiga da Igreja, a inserção de uma vida e costumes cristãos assim como em toda a Estrutura social no mundo do trabalho. Deve-se considerar também como propulsores do “novo” que a RCC propusera no país: os operários, lideranças jovens, os estudantes universitários e a presença do clero católico (CARRANZA, 1998). Diz-se no Portal da RCC Brasil que muitos grupos “estouraram” em todo o País:

Em 1970 e 71 iniciou-se a Renovação em Telêmaco Borba, no Paraná, com Pe. Daniel Kiakarski, que a conheceu nos Estados Unidos também em 1969.

Em 1972 e 1973 Pe. Eduardo, de novo no Brasil, deu vários retiros e iniciou grupos de oração. Assim foi, por exemplo, em Belo Horizonte, em 1972, com um grupo pequeno de oito ou nove pessoas.

Em janeiro de 1973 o Pe. George Kosicki, CSB, que havia muito participava ativamente da Renovação nos Estados Unidos, veio a Goiânia para um retiro carismático de uma semana. A ele compareceram D. Matias Schmidt, atual bispo de Rui Barbosa, na Bahia, e vários padres e religiosas, que iriam iniciar grupos de oração em Anápolis, Brasília, Santarém, Jataí, etc.

Em 1973, perto de Miranda, no Mato Grosso, um pequeno grupo começou a ler o livro Sereis Batizados no Espírito e a rezar pedindo o dom do Espírito. Um mês mais tarde veio a eles o Pe. Clemente Krug, redentorista, que conheceu a Renovação em Convent Station, New Jersey; orando com eles, receberam o “batismo no Espírito” e

⁴ Eduardo John Dougherty nasceu em Nova Orleans, EUA, em 29 de Janeiro de 1941. Em 1980 fundou a Associação do Senhor Jesus. Em 1999 foi-lhe concedido um canal de televisão, a “TV século 21” e é um dos editores da revista Brasil Cristão (ASSOCIAÇÃO DO SENHOR JESUS. Pe. Eduardo. 2014).

⁵ George Kosicki foi um dos mais influentes participantes da RCC dos Estados Unidos e que fez o intercâmbio entre a RCC brasileira e a americana (RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL, 2005-2010).

o dom de línguas (A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL, 2005-2010).

Diante disso, o Padre Eduardo Dougherty percebendo o rumo que o “movimento” tomava no Brasil decidiu que seria necessária uma melhor organização do que realmente era a RCC, a consolidação de algumas normas e ideais, então ele organizou um processo de “formação” para o Padre Haroldo Rham e dos encontros formativos promovidos resultou o I Congresso Nacional da Renovação Carismática no Brasil, por volta de 1973. Brenda Carranza (1998) registra que o evento contou com a presença de aproximadamente 50 membros. No começo do ano de 1974 realizaram o II Congresso que contou com a presença dos líderes de Mato Grosso, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, etc. A autora destaca ainda que o II Congresso contou com mais de 200 pessoas e o III evento com aproximadamente 300, e que além dos congressos nacionais realizavam-se os encontros regionais. Registrou-se, em 1976, que a RCC era constituída por mais de 200 grupos de oração em solo brasileiro.

A partir do ano de 1980 a Renovação Carismática brasileira se apropria dos meios de comunicação para difundir seus ideais e evangelizar, arrebanhando cada vez mais pessoas para constituir o grupo. De acordo com o Portal da Renovação Carismática Católica no Brasil:

Em 1980, Pe. Eduardo Dougherty fundou a Associação do Senhor Jesus (ASJ). Partindo da venda de material religioso, tal como livros de formação e de cânticos, tendo em vista atingir a realização de programas de TV. Logo em seguida foi criado o programa "Anunciamos Jesus", que em 1986, já cobria através de três redes de TV, 60% do território nacional. A partir de 1990, a ASJ fundou o Centro de Produções Século XXI, que possui três grandes estúdios de TV, na cidade de Valinhos, São Paulo. Atualmente, possui um sistema televisivo próprio com objetivo de, em médio prazo, estar com retransmissoras em todas as regiões do Brasil (A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL, 2005-2010).

1.3 A Renovação Carismática Católica em Fortaleza: Comunidade Católica *Shalom*

Dentro desse contexto de expansão do movimento de Renovação Carismática Católica brasileira, foi fundada em Fortaleza, Ceará, em 09 de Julho de 1982, a Comunidade Católica *Shalom*.

O Padre João Wilkes Rebouças Júnior em seu livro “Uma Obra Nova para um Novo Tempo” (2011) considera que a Comunidade *Shalom* nasceu aos pés do Papa João

Paulo II, pois foi através de um “presente”, “uma oferta de vida” que foi fundado o Carisma que mais tarde formaria o *Shalom*. Citando uma passagem de um dos livros do fundador da Comunidade *Shalom* ele transcreve:

Eu sempre faço uma referência fundamental a esse encontro do Santo Padre com todo o nascimento e com toda a gestação da *Obra Shalom*, por que, depois de dois anos, exatamente no mesmo dia, não por que nós quisemos ou programamos (só depois de dez anos me dei conta da coincidência de data), no dia 09 de julho de 1982, a *Obra Shalom* era fundada. (...) Hoje nós compreendemos como a fundação da *Obra Shalom* está diretamente ligada ao Pontificado de João Paulo II. Não só por esse fato, mas por todo o caminho que a partir daí o Espírito do Senhor foi gerando no meio de nós (AZEVEDO, 2000, *apud* CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 50).

Durante a visita do Papa ao Brasil em 1980 (entre 30 de Junho e 10 de Julho), este visita a Capital do Ceará. Antes da chegada do Papa ao Ceará, o Cardeal Lorscheider, ex-arcebispo de Fortaleza, recebeu a informação de que seria necessária a escolha de dois jovens para entregarem presentes, ofertas ao Papa João Paulo II em nome da juventude brasileira, especificamente em nome da juventude de Fortaleza. Dois jovens são escolhidos em meio aos representantes da liderança da Pastoral da Juventude, dentre eles Moysés Azevedo Filho. Moysés reflete durante dias sobre qual oferta faria ao Papa (e assim a Igreja como um todo), e por fim decide “ofertar” a si mesmo, “entregar-se” ao serviço da Igreja e dos jovens (CHAGAS JÚNIOR, 2011).

Podemos perceber, por meio do que é descrito acima, uma forte expressão religiosa manifestada pelo fundador da Comunidade *Shalom*, e podemos fazer referência direta com o que vem sendo explanado quanto às características de grande exposição dos hábitos, “linguajar” e valores Carismáticos católicos. A decisão de “ofertar-se” ao Papa, descrito por Chagas Júnior (Idem), é o mais importante comportamento a ser analisado nos Carismáticos católicos: a intensidade nas expressões que relacionam-se à religião e o desejo de declarar-se como pertencente ao grupo e a Igreja que vem sendo “reformada” desde o Vaticano II.

A Comunidade estrutura-se primeiramente em torno de uma lanchonete. Moysés toma conhecimento desse tipo de estratégia de evangelização através do Ir. Mauricio Labonte, missionário canadense, que lhe falou dos cafés cristãos situados à margem das autoestradas canadenses (NICOLAU, 2006). A primeira lanchonete da Comunidade *Shalom* foi inaugurada no dia 09 de Julho de 1982. Esta foi a primeira estratégia adotada pelo *Shalom* para “arrebanhar” fieis. Enquanto as pessoas lanchavam, tomavam um suco ou comiam um sanduíche, missionários pregavam a palavra e congregavam sobre aquele carisma que se

formava. Era um ambiente propício à evangelização, pois as pessoas ficavam imersas em símbolos característicos da Renovação Carismática Católica: as músicas, o comportamento jovem “avivado”, um novo discurso sobre a forma de ver e ser Igreja, a vivência e o conhecimento concedido aos sacramentos católicos, a interação no meio religioso, etc.

(...) ao longo de seu caminho espiritual e apostólico, crescia no coração de Moysés um “grande e forte apelo para viver o evangelho de maneira integral, plena, em toda a sua radicalidade” (HISTÓRICO, REGRAS E ESCRITOS, 2000, *apud* CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 65).

(...) ele buscava corresponder à obra de Deus em sua vida através de uma intensa vida sacramental (especialmente a eucaristia diária e a confissão frequente), mas também buscando formação na tradição da igreja, através de ensinamentos, conferências, leitura de livros, encontros e partilhas com pessoas espirituais (CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 62).

Esses pensamentos e desejos citados acima, sentidos e vividos por Moysés tornam-se mais tarde os pilares da construção do carisma *Shalom*. Chagas Júnior (Idem) considera que o ano de 1984 foi um período de “discernimento”, “purificação”, pois os seguidores do *Shalom*, em seu berço e formação, começaram a tomar rumos distintos e que muitas vezes não correspondiam mais com o “espírito da Obra”. O Padre Jonas então convidou Moysés Azevedo a “retirar-se” na Comunidade Canção Nova para que ele pudesse refletir e através de orações “discernir” e determinar aquilo que a Comunidade *Shalom* deveria “ser”, “ter” e “realizar”. Registra-se que foi através desse retiro que nasceram os Estatutos da Comunidade.

Com a escrita dos estatutos, muitas regras tornaram-se mais claras e os membros mais firmes com relação aos seus “serviços”, o que permitiu que estes pudessem aceitar a “consagração” na Comunidade de Vida ou na Comunidade de Aliança, definindo outras características marcantes do carisma *Shalom*: “o louvor, o amor esponsal, a vida carismática” (p. 68.). A espiritualidade franciscana⁶ foi um dos suportes para a espiritualidade que surgia no *Shalom*.

Íamos cada vez mais compreendendo o nosso chamado de sermos discípulos e ministros da Paz, do *Shalom* do Pai em um mundo marcado pelo pecado, mas tão sedento da graça de Deus. E esta graça, nós fomos chamados a anunciar: o Cristo morto e ressuscitado que visita os Seus discípulos e ministra sobre eles a Sua Paz. Assim o quadro ia sendo pintado e do tesouro da Igreja, coisas novas e velhas iam se combinando pelo Espírito e dando forma a uma nova espiritualidade, destinada a homens e mulheres que quisessem viver o Evangelho até suas últimas

⁶ A espiritualidade franciscana segue a perspectiva de vida adotada por São Francisco de Assis. Este viveu de forma completamente embasada pelas “Sagradas Escrituras” e, acreditava que somente através da vivência profunda e radical do Evangelho que os cristãos poderiam aproximar-se dos ensinamentos deixados por Jesus, perpetuando seus “projetos” (BREVE CONCEPTO DA ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA, 2009).

consequências, na pobreza, obediência e castidade (AZEVEDO, 2000, *apud* CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 68-69).

Segundo Carranza (1998) as Comunidades de Aliança são constituídas por indivíduos solteiros e casados, profissionais, homens e mulheres, que fazem votos de conciliar o “serviço” proposto pela Comunidade no qual são associadas com o cotidiano de trabalho, familiar, social, etc. Elas tem o compromisso de carregar a marca e a missão da sua Comunidade fora dos muros da sede. A autora acrescenta que: “é a partir das comunidades de aliança que na RCC criam-se muitas fundações e associações, através das quais é possível captar recursos financeiros, nacionais e internacionais e possuir bens imóveis” (p. 51). Há “partilha” de vida, disponibilidade de tempo e obviamente “partilha” de bens, o que explica uma parte dessa captação de recursos citados acima.

Quanto às Comunidades de Vida, Chagas Júnior considera que “é uma vivência plena da Vocação *Shalom*” (2011, p. 155). “Plena”, pois diferente da Aliança, os membros da Comunidade Vida abandonam suas carreiras profissionais, trabalhos, atividades familiares para “servir” à Comunidade sem medidas. Seu sustento é garantido pela “divina providência”, através de doações. Tem como característica a partilha de bens com aqueles que se submetem a mesma condição, sem possuir propriedade pessoal. Algo como a tentativa de

reproduzir o modelo da comunidade cristã primitiva (cf. At 4, 32-37), colocando tudo em comum, renunciando à posse de bens materiais, de projetos, planos, expectativas pessoais para segui-lo de maneira incondicional e sem restrições (Estatutos, 2007, *apud* Idem, p. 156).

Cecília L. Mariz (2005) explica esse conjunto de “renúncias” firmadas pelo desejo de “servir” totalmente à Comunidade e a um Deus. O sacrifício é uma forma de “mortificação” do “eu” para o nascer do coletivo, a renúncia de si e do mundo para a vida da Comunidade e do grupo.

No ano de 2004, Moysés Azevedo dá entrada ao processo de aprovação pontifícia do *Shalom*, apresentando a “Obra” e os Estatutos ao Pontifício Conselho para os Leigos. No entanto, a aprovação da comunidade como Associação Internacional de fieis deu-se apenas em fevereiro de 2007.

O fundador do *Shalom* enxerga a Renovação Carismática como uma “Obra” do Espírito Santo, o mesmo que trouxe o “avivamento” partindo do Concílio Vaticano II. Para ele as “graças” do batismo no Espírito são a volta para uma vida de oração, paixão pela Palavra, evangelização (que caracteriza a missão central da Comunidade *Shalom*) e a atenção

com a manifestação e desenvolvimento de dons e Carismas, uma nova interpretação e ligação com a Igreja e a “servidão” e “submissão” à vontade do Cristo.

Shalom é “um comunidade carismática de louvor”, diz o seu fundador e, por isso, quando ela se reúne em oração, deve estar totalmente aberta à ação do Espírito que age com poder. Deve haver um livre e abundante uso dos carismas (cf. 1 Cor 12), que são acolhidos com gratidão (cf. CL 24) e sempre usados em discernimento segundo orientação da Igreja (cf. LG 7). (ESTATUTOS DA COMUNIDADE CATÓLICA *SHALOM*, 1998, *apud* CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 89).

Foi o espírito de Evangelização que fez a Comunidade *Shalom* se multiplicar tanto. “O nosso carisma [diz Moysés Azevedo] nos empurra à evangelização e a evangelização faz crescer o carisma em nós” (CARTA A COMUNIDADE, 2005, *apud* CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 141-142).

A Comunidade Católica *Shalom* possui aproximadamente 62 casas em uma dezena de países e em quatro continentes. Conta entre comunidade de vida e de aliança com mais de três mil membros. Participam dos grupos de oração da “Obra” *Shalom* cerca de vinte mil pessoas (CHAGAS JÚNIOR, 2011). Através desta descrição de multiplicação de “obras” é possível explorar o objeto de estudo deste trabalho: a “Obra” *Shalom* de Redenção-CE, na qual, por meio de entrevista com membros, compõe-se a trajetória.

1.4 A Renovação Carismática Católica: “Obra” *Shalom* de Redenção

De acordo com a atual Coordenadora Geral da “Obra” *Shalom* de Redenção, através de entrevista cedida no dia 27 de Março, em Redenção-CE, o *Shalom* na cidade de Redenção foi fundado pela influência do Padre Robério e pelo interesse de seguir um carisma específico e organizado, algo que era desejado pelo grupo de Renovação Carismática Católica “Comunhão Perfeita”.

Por volta da metade do ano de 2009, o Padre Robério - Pároco da Cidade de Redenção na época – entrou em contato com o Padre Sílvio Scopel, coordenador apostólico de missão e difusão do Carisma da Comunidade Católica *Shalom* de Fortaleza, e revelou o desejo de um dos grupos de Renovação Carismática de Redenção - “Comunhão Perfeita”- em aderir ao Carisma *Shalom*.

O grupo “Comunhão Perfeita”, de acordo com a entrevistada citada acima, tinha uma caminhada de mais de 10 anos na cidade, no entanto sua organização não tinha bases

fixas em nenhum carisma específico. Essa necessidade de viver uma especificidade pode ser verificada em Weber (1991) quando este define a “rotinização” do carisma. Weber considera ser necessária “à submissão dos instintos naturais [para] a condução de uma vida sistematizada” (p. 366). Além desse desejo de aderir ao Carisma *Shalom* por ser uma Comunidade organizada, com regras e estatutos Mariz (2005) e Nicolau (2006) afirmam que é principalmente na juventude onde os indivíduos sentem o desejo de pertencimento a um grupo específico, de comunhão com outras pessoas que vivem do mesmo jeito e pensam “o mundo” de forma semelhante.

Em entrevista a uma das integrantes que também frequentava o grupo de renovação carismática na época do Pe. Robério (atualmente “ovelha” da “Obra” *Shalom* de Redenção – Ministério de Música) explicou-me que o “Comunhão Perfeita” era um grupo que unia em sua missão a perspectiva do “trabalho social” baseado nas CEB’s (Comunidades Eclesiais de Bases) e a oração emotiva e fervorosa, característica dos grupos de Renovação Carismática Católica.

As duas entrevistadas consideraram que 2009 foi o ano no qual os integrantes do “Comunhão Perfeita” decidiram “institucionalizar-se” e aderir à um Carisma edificado. Afirmaram que todos já conheciam a Comunidade Católica *Shalom*, através dos eventos (Carnaval carismático – Renascer; Festival “Halleluya”, etc.) e que desejavam fundar uma “Obra” *Shalom* em Redenção – CE. Então, o Padre Sílvio Scopel, por intermédio do Padre Robério, enviou seus missionários de difusão do carisma *Shalom* e estes iniciaram uma formação das “ovelhas” do grupo “Comunhão Perfeita”, que logo passaram a ser chamados, de acordo com a atual coordenadora da “Obra” *Shalom* de Redenção, de “Amigos do *Shalom*”.

Em Fevereiro de 2010, durante o período que correspondia ao Carnaval, realizou-se o primeiro Seminário de Vida no Espírito Santo (SVES) dentro de um evento que já era realizado há alguns anos pelo “Comunhão Perfeita”, chamado “Adorar-te”, um “Carnaval Carismático”, assim como o “Renascer” do *Shalom* de Fortaleza. O evento permaneceu com esse nome até o ano de 2013, a partir do presente ano, 2014, a “Obra” de Redenção aderiu à perspectiva “Renascer” no intuito de afirmar-se cada vez mais como *Shalom*.

É no carnaval carismático que se realiza o principal SVES do *Shalom* Redenção (considerando que às vezes realizam-se mais de um SVES por ano). Segundo Carranza (1998):

Os SVES acontecem a pedido dos párocos ou dos coordenadores de grupos de oração quando desejam a presença da RCC em outros lugares. Com uma metodologia própria, definida pelo Conselho Nacional, os SVES, garantem a identidade da RCC e a possibilidade de transmissão de seu estilo. Portanto, são eles que permitem a formação de suas lideranças, treinando-as no desenvolvimento dos diferentes dons ou carismas, por exemplo, o dom de orar em línguas e o dom de cura. Ao mesmo tempo, os SVES são oportunidades de experiência de oração para seus participantes (Conselho Nacional, 1995; 83-89). São os seminários de vida no espírito que garantem a unidade e a continuidade ideológica do movimento (p. 42).

Nos SVES realizam-se palestras que apresentam as perspectivas e as normas da Renovação Carismática Católica, além do Carisma da Comunidade que ministra o evento. É um momento de muita emotividade, onde os jovens ficam imersos em um ambiente de “encontro pessoal com Deus”.

Para conduzir essa “nuvem” emotiva, são usadas músicas que promovem nos jovens o desejo de se “entregarem” ao Espírito Santo, culminando na parte mais importante do evento, o “batismo” no Espírito, no qual atualmente os carismáticos foram instruídos pela CNBB a chamar de “efusão”, com o objetivo de não haver confusão com o Batismo primeiro realizado pela Igreja.

Durante esse momento de efusão são realizadas orações de renúncia na qual as pessoas negam a participação em diversos eventos do cotidiano, vistos como profanos, tais como: sexo antes do casamento, “bebedeira”, abuso das “festas do mundo”, etc. Além também das promessas na perspectiva do que se forma naquele momento, um novo “obreiro” do carisma, um missionário do Cristo. No caso do Carisma *Shalom* firma-se o compromisso com a evangelização. “O engajamento no *Shalom* implica [em um] processo de mudanças, de reconstrução de identidade e de fortalecimento psicológico, propiciando uma nova forma de significar e ordenar o mundo” (NICOLAU, 2006, p. 84).

Após o SVES e a efusão do Espírito Santo a pessoa possui a condição de desenvolvedor dos dons do Espírito. Segundo Carranza (1998) e Nicolau (2006) os primeiros dons são: temor de Deus, Fortaleza, Piedade, Conselho, Ciência, Inteligência, discernimento de Espíritos, Sabedoria, dom da Fé, Cura, Milagre, Glossolalia (dom de falar em línguas estranhas), discernimento (interpretação da glossolalia), profecia, etc.

Depois do SVES o grupo “Comunhão Perfeita” passou a ser Comunidade Católica *Shalom*, “Obra” de Redenção, e então formaram o primeiro “Grupo de Oração”, o que é de costume após um SVES. A partir desse primeiro grupo de oração o Carisma do *Shalom* foi se firmando através de sua principal “obra”, a evangelização. Novos adeptos foram incorporados

ao grupo, passando pelo mesmo processo de formação e “efusão” do Espírito Santo no SVES e a “Obra” cresceu.

No início, de acordo com as entrevistadas, os grupos eram realizados no Salão Paroquial, no entanto sob a administração do novo Padre (atual Padre de Redenção) aconteceram diversos problemas, pois o *Shalom* utilizava o espaço durante muitos dias da semana e, outros grupos e pastorais também precisavam ocupar o Salão.

Surge, portanto o primeiro ponto de “independência” do *Shalom* (ponto de partida da hipótese que fundamenta esta monografia, e que será explanado nos próximos capítulos), pois este passa a utilizar um novo espaço, a Escola Saraiva Leão, situada na Rua da Praça da Igreja Matriz, e depois, por motivos não revelados nas duas entrevistas, a “Obra” começa a se reunir na Escola Maria Augusta, próximo a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB.

Desde Junho/Julho de 2013 o *Shalom* de Redenção possui sede própria (Centro de Evangelização, com livraria e lanchonete, reproduzindo a ideia de Moisés Azevedo – fundador), um galpão alugado, que foi reformado, próximo a Rua do Fogo – Redenção – CE.

CAPÍTULO II: O COTIDIANO DO “SHALOMITA”, O TRABALHO MISSIONÁRIO DOS MINISTÉRIOS E AS CONTRADIÇÕES BÁSICAS DA COMUNIDADE CATÓLICA *SHALOM*.

2.1 A Comunidade *Shalom* e a transformação comportamental dos indivíduos

Neste tópico pretende-se dissertar sobre as características dos indivíduos que aderem ao *Shalom* e o comportamento que surge pós-inserção na comunidade. A forma de se vestir, o vocabulário (palavras que geralmente virão entre aspas), a maneira de enxergar e direcionar-se ao outro (“Shalomita” e não “Shalomita⁷”), o comportamento dentro e fora do Centro de Evangelização – o “mundo do *Shalom*”, as formas de interação social em lugares públicos, etc. De forma geral, através da observação de campo realizada durante a preparação e efetivação do Seminário de Vida no Espírito Santo (SVES), promovido pela Comunidade *Shalom* de Redenção, no período que correspondeu ao carnaval de 2014, tem-se como objetivo descrever o “Shalomita” em contraste com um indivíduo social não adepto a Comunidade *Shalom*.

O SVES pode ser percebido como um meio de “arrebanhamento” de pessoas mais eficaz, pois possibilitam que a “evangelização” se dê de forma mais pessoal, próxima, íntima. Além destes, pode-se destacar os Shows de música Cristã que possuem uma programação com foco na “evangelização”, com orações e mensagens que revelam a identidade da Comunidade.

Os SVES são pensados com antecedência pelo grupo que o promoverá. São realizadas diversas reuniões nas quais são divididas as funções que cada um dos membros veteranos adotarão. Como os “Shalomitas” dizem: “são discernidos os serviços”. Cada um, de acordo com o seu ministério assumirá um posto. Por exemplo:

2.1.1 Ministério de interseção

Este Ministério permanece em constante oração para que as “forças do mal” (MARTÍNEZ, 2005), o demônio propriamente dito, não interfira na “missão” a ser realizada.

⁷ Adota-se este termo para denominar os integrantes da Comunidade *Shalom* baseando-se na forma como eles mesmos se classificam.

Antes do evento se concretizar a Comunidade *Shalom* realiza encontros denominados “vigílias”. Os membros se reúnem durante um dia todo em algum espaço calmo e silencioso para rezar e interceder pelo SVES. Cada pessoa da Comunidade terá um horário e um limite de tempo específico para participar da “vigília”.

Acredita-se que o demônio pode usar as pessoas que estão em “serviço” para manipular aquelas que são alvo da evangelização, da “efusão do Espírito Santo” e vice-versa, além de atrapalhar e até impossibilitar a realização do evento. Para que isso não aconteça, o Ministério de interseção, durante a realização do SVES, não age sozinho. Ele serve apenas como uma espécie de coordenação, como âncoras, pois todas as pessoas que fazem parte da Comunidade e que estão “servindo” durante o seminário terão horas e dias pré-determinados pelos coordenadores dos seus respectivos ministérios para também interceder pelo evento.

O Ministério fica em uma sala ornamentada especialmente para receber o “Santíssimo Sacramento”⁸. Esta sala passa a ser chamada de “capela” e possui um altar com flores, velas e “ícones” (quadros com imagens, desenhos de Jesus Cristo, de Maria, com a reprodução da cena de Pentecostes, etc.). Todas as manhãs, durante a realização do SVES, as pessoas presentes no evento vão a esta sala, em jejum para rezar e interceder pela ação do Espírito Santo naquele dia.

Acredita-se que o jejum é uma forma de sacrifício. Quando alguém se propõe a realizar um sacrifício pessoal, este torna-se mais apto e mais forte que o demônio, conseqüentemente sua oração torna-se mais eficaz. O indivíduo sacrifica-se para purificar-se de seus pecados, uma tentativa de anular o “eu mundano”. Mariz (2005) faz menção a este tipo de crença:

A importância do sacrifício individual nos rituais de fortalecimento de identidades coletivas é um tema bastante discutido nas ciências sociais. Os sacrifícios são também chamados de “mortificações”, por serem, de certa forma, experiências parciais da morte: é a morte dos impulsos do corpo e a experiência do início do processo de destruição do próprio corpo. Eles podem ser vistos também como uma forma de subjugar ou matar o “eu” (p. 263).

Questionei alguns integrantes da “Obra” *Shalom* sobre a presença desses ícones citados acima. Segundo os entrevistados, a Igreja Católica possui um costume bastante criticado pelos Protestantes que é o uso de imagens. De acordo com o que me relataram, o uso e adoração de imagens são condenados pela Bíblia. As pessoas que conversaram comigo

⁸ Objeto que carrega uma “Hóstia Consagrada” em seu interior e que é usado durante a adoração nas Igrejas Católicas como se fosse o próprio Deus dos Cristãos católicos que se fizesse presente.

interpretam o uso desses ícones como uma resposta às críticas. São objetos que situam aquele que reza, como um direcionamento. “Pra onde devemos olhar? A quem devemos buscar?” – declararam. Também enxergo essa estratégia como uma resposta às críticas dos Protestantes, no entanto, além disso, percebo que os líderes estão questionando e pensando mais livremente sobre os costumes da Igreja, mesmo aqueles que parecem passar despercebidos, mas que aos poucos vão sendo desvelados.

Os adeptos a Renovação Carismática Católica desejam sentir a presença de Deus, relatar que foram visitados interiormente pela divindade, e não mais vê-la fisicamente. Por isso que o uso de imagens, que possibilitavam uma espécie de presença física, para o “Shalomita” não possui tanta importância, pois a crença agora pertence ao plano espiritual, no qual a sensibilidade tornou-se o canal da fé (MARTÍNEZ, 2005).

Quanto à prática de interseção realizada pela Comunidade *Shalom* observa-se que: o ser que reza no “cenáculo” age como intercessor. No Catolicismo conservador notamos que isto é diferente. As pessoas fazem suas preces aos Santos católicos para que estes, por sua vez, intercedam a Deus. Na Comunidade *Shalom*, quando o indivíduo se dispõe a rezar por algo, este torna-se um intercessor, encurtando o caminho até a “graça”. Durante o rito no qual se realiza a “efusão do Espírito” (que será mais bem definido nas páginas seguintes), cada pessoa que está no cenáculo e que deseja receber a “efusão” passará pelas mãos de um integrante veterano da comunidade para que este interceda em sua cabeça pela presença do “Espírito Santo”.

Na perspectiva de interseção descrita anteriormente, considera-se que o Ministério de música é o primeiro a ser atingido pelas ações do demônio, pois é através das letras das músicas que se apresenta o “novo mundo”, ou a “nova vida em Cristo” às pessoas que ali se encontram.

2.1.2 Ministério de Música

Este Ministério é responsável pela condução das pessoas presentes no SVES através da música instrumental, por exemplo. Nesta, apenas os instrumentos produzem melodias no intuito de que se crie um clima de oração, no qual o indivíduo é estimulado a orar sozinho, a utilizar suas próprias palavras para “dialogar com Deus”, uma das principais características da Renovação Carismática Católica.

Nos encontros como os grupos de oração, principalmente, as pessoas são livres para orarem em voz alta, possuem um espaço livre para comentar as leituras bíblicas, etc. Uma característica da religiosidade moderna interessante de ser discutida. Até algumas décadas atrás a Igreja não permitia o manuseio da Bíblia sem a presença de um Padre para instruir a leitura. Nos grupos de oração, além de haver a liberdade de leitura, há também o espaço para as interpretações pessoais. Ouve-se muito: “O que Deus falou no meu coração sobre esta Palavra foi...” ou “Eu sinto que Deus quer dizer com esta Palavra o seguinte:...”.

(...) a leitura da Bíblia torna-se um hábito cada vez mais difundido, não só “em casa”, mas também em grupos como as Pastorais, Círculos Bíblicos, Encontros de Casais e de Jovens, Cursos de Conscientização, Grupos de Oração e Encontros dos mais diversos tipos (...) (MIRANDA, 1999, p. 83).

Além das músicas para orações são tocadas músicas mais animadas, extrovertidas e dançantes: os “louvores”. As pessoas são convidadas a “adorar” de todas as formas possíveis. Dançando, cantando, com gestos e palavras – além do uso da “oração em línguas”, a glossolalia, melhor explanada abaixo.

Diversos gêneros musicais são utilizados. A “swingueira”, comumente chamada de “louvadeira” é a mais comum nos louvores, mas existe também uma espécie de Pop Rock, pagode, etc. O fato é que são ritmos para serem dançados e que geralmente possuem coreografia própria. Enquanto o ministério de música toca, uma pessoa atua como guia. Diz-se que sua função é “ministrar”. Este sujeito deve antecipar as estrofes das letras das músicas para aqueles que não as conhecem também poderem participar, enquanto isso um ministério de dança repassa a coreografia.

Estas novas formas de manifestação da religiosidade criadas pela Renovação Carismática Católica, a meu ver, dão uma nova significação a expressividade do homem católico. Este se mostra mais animado, pois pode participar mais ativamente do rito que está sendo realizado e que de fato, retomando as comparações feitas no capítulo 1 entre a RCC e o Protestantismo, os modos de expressar-se são bastante parecidos.

Conversei com uma das pessoas que estava presente no evento, um jovem, aproximadamente 17 anos, e este me revelou que não compreendia o porquê das missas serem tão “paradas”. “Deus quer ver a gente feliz, e não igual a robôs que só repetem o que o Padre diz” – disse o entrevistado. Após ouvir sua resposta, instiguei-lhe novamente com a seguinte questão: “Mas questionar o rito das missas não é papel de Protestante? Afinal, como nasceu o Protestantismo? E ele me respondeu: “A Igreja é viva. A Igreja é jovem, meu caro”, dando a

entender que considerava importante criticar e buscar entender a religião de forma melhor e mais próxima. Conversei também com outra pessoa, desta vez, uma pessoa mais velha, e ela declarou que achou um pouco estranho toda aquela “agitação”. “Achei que teve muito exagero na oração. Ficou parecendo crente” – declarou.

Quanto aos modos de expressão nos rituais Eucarísticos e nos momentos de louvor, a CNBB (1994) criou algumas orientações pastorais para instruir e reger os adeptos a RCC:

41. Na celebração da Missa, não se deve salientar de modo inadequado as palavras da Instituição, nem se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor eucarístico e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística.

42. Os cantos e os gestos sejam adequados ao momento celebrativo e de acordo com os critérios exigidos para a celebração litúrgica. São preciosas e oportunas as orientações do documento n. 43 da CNBB sobre *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Procure-se distinguir cantos para uso litúrgico e cantos para encontros. Valorizem-se os Hinários Litúrgicos publicados pela CNBB, os livros de Cantos das Igrejas Particulares e outros Hinários difundidos entre o povo (ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA, p. 6).

Durante a realização do SVES foi celebrada uma missa e nesta pude observar uma enorme diferença em comparação com as celebrações eucarísticas comuns. Por exemplo, na parte da celebração que corresponde as “preces comunitárias” a pessoa que se propõe a realizá-las não lê ou segue orientação de nenhum livro ou documento. Ela faz suas próprias preces, e as pessoas presentes oram e cantam em “línguas estranhas”, criando naquele momento suas próprias preces. Ao fim da celebração conversei com alguns “Shalomitas” e perguntei: “de onde vieram aquelas músicas que foram tocadas pelo Ministério?”. Eles me disseram que a Comunidade de tempos em tempos lança um CD que contém o repertório que deve ser tocado nas celebrações das missas carismáticas.

De forma geral, mesmo que alguns aspectos do rito comum tenham suas próprias características, a celebração eucarística diferenciou-se mais no que diz respeito a participação das pessoas presentes. Estas oram com “fervor” a todo instante. Choram, louvam e gesticulam sem timidez.

Cantar em voz alta, orar em línguas ou no vernáculo, de forma absolutamente livre, levantar os braços, impor as mãos sobre o outro, olhá-lo nos olhos, tocá-lo, dançar ao som dos cânticos e bater palmas são elementos dessa linguagem que há um tempo propiciam a comunicação pessoal com a divindade e socializam essa experiência de comunicação, tornando-a extensiva a todo o grupo (MIRANDA, 1999, p. 51).

É notável a presença do Ministério de Música (Mariz, 2005), pois é através das letras das músicas que os indivíduos presentes no Seminário podem ter seu primeiro contato com o contexto e ideologia da comunidade. É o primeiro passo dado no processo de “conversão”. São utilizados diversos instrumentos (flautas transversais, saxofone, bateria, guitarra, baixo, violão, teclado, etc.), diferente do que é permitido em algumas Paróquias mais conservadoras (a de Redenção, por exemplo, na qual o Padre permite apenas o uso de teclado ou violão, e exige que sejam tocadas apenas melodias acústicas). Observando isto, podemos entender por que o entrevistado mais jovem, citado acima, sentiu uma diferença significativa no que ele estava vivendo, ao mesmo tempo em que a entrevistada mais velha sentiu-se deslocada e confusa.

O foco da Renovação Carismática Católica é, impreterivelmente, os jovens. “Se os jovens voltarem para a Igreja, esta não poderá ser destruída, pois vai tá sempre se renovando” – declarou um dos entrevistados.

O jovem entrevistado no Seminário que foi “convertido” tomará o lugar da senhora que se sentiu deslocada, e que não atende, ao não ser que se “converta” à RCC, aos anseios de Renovar uma Igreja que se viu decadente com o crescimento do Protestantismo e das religiões Afro-brasileiras.

2.1.3 A coordenação de vendas, bazar, etc.

É constituída por um grupo de pessoas responsáveis pelo “faturamento” do SVES. O evento possui uma lanchonete para a venda de comidas diversas, um bazar que é montado com doações de roupas, chapéus, sapatos e sandálias, etc., uma livraria, com blusas da Comunidade, com CD’s dos cantores consagrados e empenhados no “serviço” do *Shalom*, e livros de autores cristãos católicos, objetos religiosos como: pulseiras, cordões, terços, entre outros. O ambiente fica repleto de símbolos que envolvem as pessoas na ideologia daquilo que lhes é oferecido: a Comunidade *Shalom*. Até a forma de se alimentar tem um ritual e um significado específico. No tópico 2.2 falaremos com mais clareza sobre isso.

Questionei a coordenação sobre o uso do dinheiro arrecadado e esta respondeu que eles eram responsáveis pelas contas de luz e água do lugar onde o Seminário estava sendo realizado, além de um valor simbólico de aluguel. Também era necessário pagar o aluguel de palco e som, ornamentação, custear o material de divulgação, transporte dos missionários, etc.

2.1.4 Missionários e convidados

Para a realização das palestras, orações diversas e “efusão do Espírito Santo” são convidados pela Comunidade que sedia o SVES, alguns Missionários que “servem”, geralmente, à Comunidade *Shalom* em Fortaleza. São os Missionários “consagrados” – retomando aos conceitos de “Comunidade de Vida e Aliança”, explanados no primeiro capítulo – que conduzem o evento, e as pessoas que pertencem à comunidade da cidade, no caso analisado a cidade de Redenção, participam apenas como “servos”, dando todo o suporte necessário.

Os Missionários convidados a participarem do SVES têm suas contas pagas pela Comunidade que sedia o evento, como visto no tópico anterior. Passagens de ida e volta, alimentação e estadia, por exemplo.

Alguns desses missionários são convidados pelos integrantes da “Obra” local para acomodarem-se em suas respectivas residências. Dessa forma, em alguns casos, a alimentação também é responsabilidade do dono da casa. Essa prática é realizada com base nas passagens bíblicas que falam da Caridade. Às vezes não se espera que o membro da “Obra” *Shalom* ofereça o espaço para acomodar o visitante. O “Shalomita” recebe apenas o anúncio da visita, e mesmo que apresente dificuldades para recepcioná-lo, deve aceitar a “missão” como um ato de fidelidade e disponibilidade.

2.1.5 Equipe do Seminário de Vida no Espírito Santo “Kids”

A “Obra” *Shalom* de Redenção, além de realizar um Seminário para adolescentes e adultos, organiza um mini Seminário para crianças. O Seminário de Vida no Espírito Santo para crianças tem a mesma estrutura do Seminário dos adultos, mas as metodologias usadas para chegar até o entendimento do que aquele momento representa são diferentes. A equipe usa desenhos e histórias ilustradas para evangelizar. O SVES Kids tem o intuito de possibilitar a presença de pais e mães que não poderiam comparecer ao Seminário se não tivessem com quem deixar seus filhos, além de investir numa evangelização de base, mantendo um ciclo que “abastece” a Igreja ao longo dos anos.

2.1.6 Ministério de Evangelização

É formado por um grupo de pessoas mais extrovertidas e que desempenham seus “serviços” antes, durante e depois do SVES. Antes de o evento ser realizado, este grupo promove a divulgação nas ruas, de porta em porta, nas rádios, nas redes sociais, entre outros. Tem como objetivo conquistar a confiança e a curiosidade das pessoas através do seu “testemunho de vida”, que consiste na “partilha” da “experiência” que estes indivíduos tiveram com Deus através do *Shalom*.

Os testemunhos reforçam a fé dos membros da RCC, consolidam a união do grupo e representam uma eficiente forma de proselitismo dirigida aos que ocorrem pela primeira vez a esses eventos, além de fortalecerem o sentimento de reconhecimento individual no seio do coletivo, contribuindo para alimentar a autoestima de cada um (MIRANDA, 1999, p. 63).

O discurso utilizado pelo Ministério de Evangelização deve ser analisado, pois caracteriza o discurso da Comunidade em geral quanto à forma de enxergar “o mundo”, espaço externo ao mundo do grupo. Em relação ao Carnaval, por exemplo, o argumento dado é sempre “demonizador”. O convite é feito de forma que os indivíduos reconheçam que o Carnaval de rua é um evento no qual o demônio se apropria do espaço “mundano” e age nas pessoas influenciando negativamente suas atitudes e comportamentos, e estes não são aceitos pela Igreja. O sexo sem compromisso, a exposição do corpo, as bebedeiras, uso de drogas, os “ficas” – entendidos como o ato de apenas beijar alguém sem interesse em assumir um relacionamento sério – as danças repletas de coreografias consideradas eróticas, etc.

O SVES realizado no período do Carnaval tem como objetivo adquirir novos adeptos, “arrebancar”, e pretende também envolver as pessoas num clima de oração e “retiro espiritual”. Dessa forma o indivíduo “renunciaria” a um evento do mundo e daria lugar há alguns dias na “presença de Deus”. Existe todo um discurso para manipular os sentimentos das pessoas colocando-as entre o bem (participar do SVES, “retirar-se” e buscar um lugar onde Deus está) e o mal (as festas do “mundo” onde Satanás “pinta e borda”). Esse discurso de “demonização” do “mundo” (refiro-me ao que é externo ao meio da Comunidade) desemboca na construção ideológica que aos poucos vai sendo introduzida no cotidiano dos “Shalomitas”.

Os veteranos da “Obra” *Shalom* de Redenção declaram que ser *Shalom* é buscar a santidade, ou pelo menos rejeitar aquilo que impede o cristão de alcançá-la. Após o surgimento dos movimentos Pentecostais os cristãos passaram a enxergar Jesus Cristo não

como alguém que estava morto, mas um Deus que permanecia vivo – pensamento que é fruto da Teologia da Libertação. Ele não é mais visto apenas como Deus, mas como um homem que conseguiu alcançar a Santidade, e baseados nisto, os adeptos da Renovação Carismática Católica, frutos dos movimentos Pentecostais nos EUA, acreditam que devem ser imagem e semelhança do “Deus-homem” (MARTÍNEZ, 2005).

O discurso do *Shalom* é primeiramente construído durante a divulgação do evento. Como não dizer sim a um convite feito pelo próprio Cristo para rezar num período onde todos estão fazendo o que é considerado errado? Depois este discurso é fundamentado durante a realização do Seminário.

Primeiro são realizadas palestras onde as pessoas presentes são convidadas a pensar sobre algumas questões como: Quem é Jesus? O que ele representa no dia-a-dia das pessoas, e o que ele deseja para a vida delas? As palestras recorrem a estratégias bastante apelativas, pois utilizam metodologias repletas do uso da emotividade. Recorrem geralmente ao alcance de memórias pessoais ruins, onde as pessoas se deixam envolver por sentimentos de tristeza, abandono, lembranças relativas à doenças, etc. Depois são realizadas orações demoradas afirmando que aquelas memórias ruins, lembradas anteriormente, podem ser “curadas” por Jesus, basta apenas dizer sim a vontade dele. Após esta introdução a ideia do “sim”, as palestras que são realizadas estão mais voltadas à reflexão das possibilidades de como transformar uma vida para “servir a vontade de Deus”. A partir disso e antes da “efusão” é realizada a “oração de cura” e a “oração de renúncia”. Nesta oração a emotividade é mais uma vez convocada, mas numa maior intensidade.

A CNBB (1994) proíbe o uso destas estratégias que utilizam da emotividade. Segue uma passagem do documento:

49. A espiritualidade cristã integra o social e o espiritual, o humano e o religioso. Não está, porém, isenta das ambiguidades e mesmo distorções que podem caracterizar as reações do psiquismo humano, seja individual, seja grupal. Por isso, evite-se alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé (ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA, p. 7).

As pessoas são intimadas a renunciar ou a firmar compromisso com diversos acontecimentos e comportamentos cotidianos que são considerados pecaminosos. As festas do “mundo”, como o Carnaval e todas as suas características descritas anteriormente, por exemplo, o namoro sem “discernimento”, ou seja, sem uma preparação – que no *Shalom* é regada por orações onde Deus revelaria se apoiava ou não o relacionamento – o compromisso

com a evangelização, independente de onde estiver, e o que de certa forma inflige Leis como a que proíbe a presença de símbolos religiosos em repartições públicas, e o compromisso com a disponibilidade e prioridade que devem ser dados à comunidade.

Durante dois dias as pessoas permanecem envoltas num clima de milagres, santidade, emotividade, alegria e orações, e isto permite que elas passem a crer na possibilidade de modificar suas vidas para agradecer a um Deus que foi a todo instante exposto como misericordioso. Além de crer que podem mudar as suas vidas, as pessoas presentes no Seminário, estimuladas pelos realizadores do evento, passam a convidar outras pessoas para viver a mesma “experiência”.

Depois das palestras, orações de cura e renúncia, louvores, etc., realiza-se a “efusão do Espírito Santo”. Por muitos anos a “efusão” foi chamada de “batismo no Espírito Santo”, mas ficou determinado pela CNBB (1994) que este ato seria chamado de “efusão” para que não houvesse confusão com o sacramento do Batismo. Determinou-se também que não deveria ser chamado de confirmação, pois poderia ser confundido com o sacramento da crisma.

A “Efusão do Espírito Santo” é realizada no fim do SVES. É na verdade uma espécie de segundo Batismo. Eu percebo este momento como um ritual de abertura, no sentido mágico da expressão. Depois que uma pessoa passa pela Efusão ela é vista como alguém que pode desenvolver os dons carismáticos descritos no capítulo anterior. Moisés Azevedo, fundador da Comunidade *Shalom* dá uma enorme importância a “efusão no Espírito Santo”, pois considera que a partir do momento que uma pessoa “bebe dessa graça” esta pode disseminar os “dons do Espírito Santo” e conclui que esta é a intenção geral da Renovação Carismática, confirmada pelo Concílio Vaticano II, no qual objetivou “reavivar” o “Espírito Santo” nos homens (CHAGAS JÚNIOR, 2011).

Após a oração de renúncia os indivíduos são postos de frente para o altar e em filas. Um repertório de músicas que falam sobre misericórdia e que intercede pela presença do Espírito Santo é tocado repetida e incansavelmente. Os veteranos, missionários e outras pessoas que já passaram pela efusão em outros momentos começam a rezar em cada uma das pessoas que estão de pé nas filas. São feitas nessas pessoas orações onde se convida o indivíduo a receber e aceitar a presença do Espírito Santo. As orações também são feitas em “línguas estranhas”, e aos poucos as pessoas que estão recebendo a efusão também passam a orar em “línguas”. Algumas pessoas caem desmaiadas no chão, o que os “Shalomitas”

denominaram como “repouso no Espírito”. Em alguns casos elas caem sobre os braços de quem estava rezando nelas, mas presenciei pessoas desmaiando, ou como eles preferem, “repousando”, sozinhas, o que representa uma queda com impacto forte no chão. Ao fim da efusão, entrevistei algumas pessoas buscando entender o que estas sentiram durante este “repouso”. A maioria definiu como um desmaio, mas que mesmo na queda, não sentiram dor, apenas paz interior e uma espécie de limpeza de memórias negativas. Não se lembram de ter “repousado” e nem de acordar, apenas despertaram e permaneceram sentadas até que tomassem consciência de que estavam acordadas. Observa-se também que o choro é coletivo e que as pessoas gesticulam muito com as mãos.

Quando a “efusão” acabou, todos se abraçaram e rapidamente a alegria superou o choro. As músicas melodiosas cessaram e se iniciou um “louvor” com letras de exaltação e ritmos dançantes.

O seminário de vida no Espírito Santo, ao final do qual é batizado, marca o início dessa nova vivência comunitária. Passa-se, então, a integrar um grupo de oração, podendo, a partir daí, conforme decisão pessoal, ingressar no vocacional, a seguir no postulado e no noviciado, para finalmente consagrar-se numa comunidade de vida ou aliança (MIRANDA, 1999, p. 47).

Durante as noites que corresponderam aos dias de seminário foram realizados shows com bandas carismáticas e muitas pessoas compareceram ao local do evento, mesmo não tendo participado do Seminário durante o dia. Os shows que são realizados a noite, após um dia de seminário, têm como objetivo, a meu ver, impedir que os indivíduos se dispersem e sintam-se “tentados” a frequentar o Carnaval de rua, envolvendo-os na vida da Comunidade na qual os shows de oração, louvor e os retiros espirituais são bastante comuns. Possibilitam também a presença destes curiosos que aparecem no local no intuito de saber o que está acontecendo e que na maioria das vezes são convencidos pelo ministério de evangelização a participar do Seminário no dia seguinte.

2.2 A segregação dos adeptos ao *Shalom*

Durante a realização do SVES no qual realizei minha observação de campo foram incontáveis as vezes em que ouvi as pessoas que palestravam e “ministravam” as orações referindo-se a uma espécie de “mundo”, um “mundo” no qual aqueles que pretendiam “servir à Deus” deveriam renunciar. Que “mundo” é este?

Ao fim dos dias em que se deu o SVES fui convidado para lanchar com algumas pessoas que estavam no evento. Na verdade fui convidado para “conviver”. “Conviver” é a forma que os “Shalomitas” usam para definir o tempo que eles reservam para conversar, assistir a um filme, tocar violão, etc. Eles literalmente sentem-se obrigados a reservarem este tempo para a “convivência”. Uma das razões que me motivaram a escrever sobre a “segregação” dos “Shalomitas” foram esses momentos de “convivência”, pois se eles, obrigatoriamente, reservam um tempo para se encontrarem, isto gera um apartamento do resto das pessoas que não aderiram ao *Shalom*. E foi exatamente isto que eu percebi. Todas as vezes em que fui convidado para “conviver” encontrei somente pessoas que pertenciam a “Obra” *Shalom* de Redenção.

Para que exista um “mundo” que é considerado como pecaminoso e que se deve renunciar é necessário existir outro “mundo” para que os “Shalomitas” habitem. Este mundo é o mundo do *Shalom* e esta é uma ótima forma de manter os convertidos imersos nas leis da Igreja, isolando-os e alienando-os das outras pessoas que contestam ou que não aceitam a forma de vida da Comunidade.

Após a inserção na Comunidade o “Shalomita” passa a enxergar o mundo, no seu sentido social, político e econômico, etc. através da ótica religiosa. Até mesmo a forma de abraçar tem que ser modificada. Abraçar alguém de forma que as duas pessoas fiquem de frente uma pra outra é considerado errado, pois há uma espécie de contato mais “quente”, digamos. A forma correta é abraçar com uma pequena distância e de lado. Tudo passa a girar em torno do que o *Shalom* considera como “caminho para a Santidade” ou “perversão”, o que geralmente eles chamam de “graça” ou “comportamentos sem discernimento”. Nicolau (2006) reforça:

O engajamento no *Shalom* implica um processo de mudanças, de reconstrução de identidade e de fortalecimento psicológico, propiciando uma nova forma de significar e ordenar o mundo. O “católico especial”, que emerge desse processo, tem uma autoconfiança que se exterioriza através da alegria, da amabilidade, da afetividade e da solidariedade para com os irmãos. Esse “resultado” vai se desenhando a partir da vivência em comunidade, na relação que se estabelece entre os indivíduos e na maneira particular pela qual eles se ligam à sociedade. E é nos rituais dos grupos de oração que tudo começa. Por isso, é oportuno acompanhar o ritual que desenvolve o forte espírito de pertença (p. 84).

Entre um lanche e outro fui percebendo alguns aspectos do discurso e comportamento dos “Shalomitas”. Antes de todas as refeições, alguém que esteja no grupo “ministra” uma oração em agradecimento aos alimentos que serão consumidos e ao fim das

orações eles repetem: “São José: providenciai”. Perguntei: “Por que São José e não qualquer outro Santo?”, e eles me responderam: “este foi um exemplo de pai que nunca deixou faltar nada na mesa”. Percebe-se, a partir deste discurso, o apego que os “Shalomitas” têm a algumas tradições da Igreja Católica, mesmo sendo um grupo que inova nas suas formas de expressão do sagrado – e que se discute no tópico 2.3.

Os “Shalomitas” conversam sobre assuntos basicamente relacionados à Comunidade. O que eles chamam de “partilha”. O hábito de “partilhar” vem do interior dos grupos de oração. “Partilhar” para os “Shalomitas” significa permitir que o outro saiba de seus problemas e ajude a resolvê-los ou superá-los, contanto que este “outro” também seja da Comunidade *Shalom*.

Nos grupos de oração cada membro possui um “acompanhador”, este tem a função de marcar encontros para conversar sobre as dificuldades e as facilidades da “caminhada” na Comunidade. Funciona mais ou menos como uma “confissão”, no sentido católico da expressão. É um encontro onde o cotidiano do “acompanhado” deve ser discutido e avaliado, e ao fim deste é dado um “direcionamento”. As conversas geralmente giram em torno de assuntos que envolvem a vida íntima, familiar, social, escolar, etc. da “ovelha”. As meninas só podem ser acompanhadas por mulheres e os meninos só podem ser acompanhados por homens. O “acompanhador” geralmente está acima do “acompanhado” ou “ovelha” com relação ao nível do itinerário de formação⁹.

Verifiquei que as músicas que eles escutam são na grande maioria músicas Católicas, mais especificamente de cantores que “servem” ao *Shalom*, assim como os livros, os eventos que eles frequentam são também, na grande maioria, eventos realizados pelo *Shalom*, as pessoas que eles mantêm laços de amizade e confiança são adeptas a Comunidade e conseqüentemente, as pessoas nas quais eles se relacionam amorosamente são pessoas do

⁹ Classificados como: **Kerigma:** Do grego “κήρυγμα”, anúncio, ordem, pregação do Evangelho. Tem o objetivo de aprofundar a experiência com Jesus Ressuscitado através do anúncio do Amor de Deus e fomentar o uso dos Carismas do Espírito Santo. **Filoteia:** Do grego “Φιλό-θεος”, amigo de Deus, piedoso. Essa fase visa ao amadurecimento espiritual. **Metanoia:** Do grego “μετά-νοια”, arrependimento, penitência. O objetivo dessa fase é promover uma conversão verdadeira a Cristo através da decisão livre e pessoal. A pessoa que opta por essa mudança de mentalidade deve abraçar os desafios decorrentes da vivência do Evangelho. **Koinonia:** Do grego “Κοινωνία”, comunhão. O objetivo dessa fase é promover o amor ao próximo através de um processo intenso de conversão e cura interior. **Martíria:** Do grego “μαρτύριο”, testemunha. O objetivo dessa fase é formar autênticas testemunhas de Cristo e desenvolver o espírito missionário. A resposta de quem trilha a fase ao sofrimento da humanidade deve ser a oferta da própria vida. Apresenta, através da vida dos santos, um caminho autêntico de seguimento de Jesus Cristo (COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. As fases. 2013).

interior da “Obra”, pois é necessário um período de oração para “discernir a vontade de Deus”, como descrito anteriormente.

Portanto, este tópico foi construído com base na observação participante dos encontros de “convivência” dos “Shalomitas”, antes e depois da realização do SVES, na qual foi possível concluir que o indivíduo adepto ao *Shalom* permanece envolto, em todos os aspectos do cotidiano, à vida na Comunidade e para a Comunidade, o que direta ou indiretamente impossibilita o convívio – não literal – com quem não aderiu ao *Shalom*.

Miranda (1999) afirma o mesmo. O cotidiano carismático é suficiente na vida daqueles que aderem as Comunidades de Renovação. O dia-a-dia dessas pessoas é preenchido com “manifestações dos mais diferentes tipos, tais como os grupos de oração, as orações comunitárias (...) os SVES, as missas, os cursos de doutrina cristã e de carismas, as conferências e pregações”. (p. 39).

CAPÍTULO III: O PARALELISMO DA COMUNIDADE CATÓLICA *SHALOM* DE REDENÇÃO EM RELAÇÃO À PARÓQUIA/PÁROCO DA CIDADE.

3.1. *Shalom* x Padre de Redenção

Neste capítulo discute-se o envolvimento e o distanciamento da Comunidade Católica *Shalom* da cidade de Redenção com o líder e autoridade Católica da Paróquia, no qual não se revela nome e que será denominado como “Padre de Redenção”.

Afinal, as Comunidades de Renovação Carismática, neste caso a Comunidade *Shalom*, mais especificamente a “obra” de Redenção – CE trabalham em conjunto com a Igreja Católica em busca do resgate de fieis e renovação do homem moderno, como discutido no capítulo 01? Ou há um distanciamento notável entre os discursos? Como se dá o contato entre os líderes do *Shalom* e o líder da Paróquia? Há uma espécie de hierarquia? Ou o *Shalom* age guiado apenas pelo seu líder Moysés Azevedo? Ser católico em Redenção é a mesma coisa que ser católico *Shalom*? Que tipos de conflitos são gerados a partir do momento no qual alguém se declara carismático, enquanto o outro se reconhece como conservador?

Durante a realização do SVES promovido pelo *Shalom* de Redenção em Fevereiro de 2014, conversei coletivamente com alguns jovens mais veteranos na “obra” no intuito de coletar informações sobre a atuação da Comunidade em conjunto com a Paróquia, e vice-versa. Todos relataram que não participavam de nenhuma pastoral efetivamente, muito menos dos movimentos. Concluí que de certa forma, eles atuavam mais na parte litúrgica, como leitores e comentaristas nas missas dominicais e que, de acordo com o calendário pré-estabelecido pela Paróquia, o *Shalom* “servia” como Ministério de Música também nas missas de Domingo.

Quanto aos movimentos realizados na Paróquia, como festa de Padroeiro e Co-Padroeiro, este fato se repetia. O *Shalom* geralmente possui uma barraquinha de comidas que pertence à “obra” e que nada tem a ver com a barraca de comidas gerenciada pelos paroquianos não adeptos ao *Shalom*, nos quais trabalham voluntariamente pela Paróquia, enquanto os “Shalomitas” mobilizam-se e doam as comidas e bebidas para sua barraca. O “Shalomita” preocupando-se em “servir” à Comunidade e não prestando serviços como os

outros fieis à Paróquia, deixa de ser um ser como os outros dentro da Igreja? Como ele passa a ser identificado?

De acordo com as “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” (1994) a RCC deve assumir “também as opções, diretrizes e orientações da Igreja Particular onde se faz presente, evitando qualquer paralelismo e integrando-se na pastoral orgânica” (p. 4). O documento emitido pela CNBB ainda dita que os párocos deveriam acompanhar a RCC ou formar pessoas para que elas portassem a mensagem que ele desejasse transmitir. Deixa um recado também para os membros da RCC dando-lhes o dever de participar dos “encontros, cursos, círculos bíblicos e outras atividades pastorais e de formação promovidos pelas Igrejas Particulares, bem como dos momentos fortes que marcam a vida eclesial” (Idem).

Em relação a esses momentos fortes e principalmente aos círculos bíblicos, pode-se afirmar que o *Shalom* possui seus próprios momentos e que seus adeptos participam destes eventos apenas dentro da Comunidade. O Natal, por exemplo, é vivido primeiramente entre os integrantes da “obra”, o que reforça o sentido de segregação dissertado no capítulo anterior. Após viver a celebração do Natal com o *Shalom* é que os membros direcionam-se as celebrações paroquiais e familiares.

O fato de o *Shalom* possibilitar que seus adeptos possam ser formados biblicamente e religiosamente através do itinerário de formação descrito no capítulo 2 garante esta independência da Igreja Particular. Por exemplo: questionei-os sobre a presença dos “Shalomitás” nas missas buscando entender se a “obra” costumava promover missas carismáticas ou se eles participavam das missas da Paróquia. Responderam-me que nem sempre era possível a promoção de missas carismáticas em Redenção, que geralmente elas só aconteciam nos SVES, quando o *Shalom* geral, “obra” de Fortaleza, disponibilizava os Padres adeptos à Comunidade para celebrarem fora do centro das Comunidades de Vida e Aliança. Portanto, asseguraram que todos os “Shalomitás” são incentivados, enquanto “obra” de Redenção, a estarem presentes todos os domingos na missa, afinal, o *Shalom* preza pela participação efetiva e “fervorosa” nas celebrações eucarísticas.

Segundo Azevedo, uma característica muito forte nos movimentos e novas comunidades é o forte sentido de pertença à Igreja, seguido de uma intensa vida sacramental. No caminho de comunhão eclesial deve haver um empenho de humildade e colaboração com as estruturas diocesanas e paroquiais. Ao mesmo tempo, os novos carismas esperam da Igreja um esforço de abertura diante da novidade que eles são portadores (apud CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 96-97).

Percebe-se que os “Shalomitas” vão à missa na Paróquia de Redenção apenas pelo fato de não possuírem Padres adeptos ao *Shalom* disponíveis quando eles precisam. No contrário, prefeririam participar de uma celebração eucarística presidida por “Padres adeptos à Comunidade”. Ou seja, diferentemente de um indivíduo católico não adepto ao *Shalom*, o “Shalomita” busca na celebração da missa apenas a eucaristia (a partilha do pão que é um ritual católico de “comungar”, ingerir o Cristo em forma de “hóstia consagrada”, reproduzindo a última ceia feita por Jesus antes da crucificação), pois sua formação cristã é recebida nos grupos de oração e encontros da “obra”, e não durante a missa.

Os entrevistados não pareceram satisfeitos com o fato de terem que participar dos ritos eucarísticos em Redenção. Quando questionados sobre isto confirmaram que as missas em Redenção seguem o padrão conservador e que por isso não conseguiam “alcançar a graça que se derrama no rito eucarístico inteiramente”, declarou um deles. De acordo com o grupo, o Padre de Redenção não aceita ou não concorda com os ideais da Renovação Carismática Católica e que por vezes critica-os durante as missas dominicais. Essa é a primeira contradição a ser analisada levando em consideração o que Moisés Azevedo afirma na citação acima: “os novos carismas esperam da Igreja um esforço de abertura diante da novidade que eles são portadores”.

Por que os “Shalomitas” não se sentem completamente satisfeitos em participar de uma missa presidida pelo Pároco de Redenção? O que há de diferente, de desconfortável – além de serem confrontados durante as celebrações – e que lhes impede de alcançar seus objetivos religiosos durante as celebrações?

De acordo com as “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” (1994):

42. Os cantos e os gestos sejam adequados ao momento celebrativo e de acordo com os critérios exigidos para a celebração litúrgica. São preciosas e oportunas as orientações do documento n. 43 da CNBB sobre *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Procure-se distinguir cantos para uso litúrgico e cantos para encontros. Valorizem-se os Hinários Litúrgicos publicados pela CNBB, os Livros de Cantos das Igrejas Particulares e outros Hinários difundidos entre o povo (p. 6).

A diferença essencial entre uma celebração eucarística carismática e uma missa mais conservadora – como a de Redenção – é o público. Em todos os aspectos são os fieis que possuem a capacidade de transformar a “reza” em “oração”, mas isso só pode acontecer quando os indivíduos são estimulados.

A repetição daquilo que se reproduz há séculos é substituída pela degustação de palavras que encantam quem escuta. Mas não são as mesmas coisas que se leem nos dois tipos de missas? Sim, mas a forma como se lê que altera por completo o sentido daquilo que está sendo proposto. O que se observa na celebração eucarística carismática é que há uma espécie de “contemplação” do rito, e não só a repetição e os “améns” desatentos.

De acordo com os entrevistados o Padre da Paróquia de Redenção é adepto ao conservadorismo nos ritos da Igreja. Ele não permite uso de instrumentos variados nas celebrações, como verificamos nos encontros do *Shalom*, autoriza apenas o uso de um teclado ou violão. Declararam também que ele é contra e proíbe o uso de palmas enquanto o ministério toca as músicas da celebração. As palmas deveriam ser usadas apenas para aplaudir o Evangelho do dia após sua leitura, etc.

O rito, como analisado no capítulo anterior, não se altera tanto, mas a participação efetiva dos indivíduos tem a capacidade de transformar o momento. Enquanto nas missas na paróquia de Redenção o ministério “serve” apenas com um instrumento que é permitido pelo Padre, nas missas carismáticas o ministério tem a possibilidade de usar diversos instrumentos para ampliar a qualidade daquilo que se toca, e que se escuta, principalmente.

Musicalmente falando é mais agradável e animador a segunda opção, o indivíduo é mais incentivado emocionalmente pelo que se reproduz (MARIZ, 2005), além da variação de repertório. No *Shalom* os CD’s que contêm as músicas para as celebrações eucarísticas são trocados por novos CD’s constantemente, o que possibilita uma variabilidade maior de músicas. Dessa forma o fiel não cairá na mesmice e não se comportará como os fieis que observei nas missas na igreja de Redenção. Estes últimos nem ao menos cantam as músicas.

Em certa parte da Liturgia Católica os fieis trocam apertos de mãos desejando a “paz de Cristo”. No *Shalom* não são apenas apertos de mão, são abraços demorados, gestos de carinho, as pessoas passeiam pelo espaço onde a celebração está acontecendo cumprimentando a todos, etc. Em seguida, após a “paz de Cristo”, reza-se o “Cordeiro”. No *Shalom* não se reza o “Cordeiro”, se canta. Esse momento torna-se um “louvor”. Os indivíduos erguem os braços e cantam com “fervor”. Mais uma vez eles são motivados a interpretar aquele momento e não apenas repetirem o “cordeiro” de sempre.

Há, de forma geral, uma consciência do que se celebra na eucaristia Católica nas missas Carismáticas. Os fieis aparentam possuir um entendimento maior do que está se

ofertando, celebrando precisamente durante o rito. Desde a entrada dos paramentos litúrgicos, dos leitores, do(s) celebrante(s), todos cantam, gesticulam, batem palmas, oram, com palavras ou “em línguas”, etc. Diferente dos fieis não adeptos a Renovação Carismática, que apenas aparentam repetir o que se diz durante a missa.

Quanto ao “fervor” dos “Shalomitas” no uso da oração em “línguas estranhas” tanto durante as missas, quanto principalmente durante os grupos de oração, pode-se levantar um questionamento pondo lado a lado o que afirma Moysés Azevedo e a CNBB.

Shalom é “um comunidade carismática de louvor”, diz o seu fundador e, por isso, quando ela se reúne em oração, deve estar totalmente aberta à ação do Espírito que age com poder. Deve haver um livre e abundante uso dos carismas (cf. 1 Cor 12), que são acolhidos com gratidão (cf. CL 24) e sempre usados em discernimento segundo orientação da Igreja (cf. LG 7). (ESTATUTOS DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM, 1998, apud CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 89).

Podemos concluir que os “dons” despertados pelo “Espírito Santo” entre os “Shalomitas” devem, enfaticamente, serem acolhidos, contanto que atendam as orientações da Igreja. Então, o que a Igreja fala sobre o uso destes dons?

Segundo a CNBB (1994) considerando a dificuldade de se discernir o que realmente compete a uma oração em línguas e o que corresponde apenas ao estímulo e apelos do animador do grupo, não se deve de maneira nenhuma incentivar o uso de “orações em línguas” sem que haja intérpretes no espaço. De que adianta tantas palavras estranhas serem ditas se não existe ninguém no ambiente que possua o “dom do entendimento” para traduzi-las?

Durante toda a pesquisa de campo para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, nem na missa no SVES, nem nos grupos de oração, nem durante a “efusão do Espírito Santo”, em nenhum desses momentos pôde-se identificar alguém que possuísse o “dom de Entendimento”, no qual fosse portador da capacidade de interpretar as “línguas estranhas”, e mesmo assim elas eram usadas exacerbadamente, além de haver um incentivo contínuo em utilizá-las.

Retomando ao tema central deste capítulo, através das discursões anteriores presum-se que a relação entre pároco e *Shalom* nem ao menos possibilita um diálogo onde ambos respeitam o direcionamento do outro. O ato de criticar durante uma celebração a Comunidade em questão é percebido, pelo *Shalom*, como uma atitude imatura, pois não há discursão de objetivos e nem uma espécie de permissão de funcionamento para a “obra”, pois

foi o Padre anterior a este atual que assinou a carta de autorização para que o *Shalom* viesse para Redenção. Mas estes dois Padres não trabalham pela mesma Igreja?!

Há um embate entre o Pároco de Redenção e a “obra” *Shalom* da cidade. Portanto, se eles não atuam em conjunto como se pode manter uma Igreja visto que seus fieis se dividem entre duas correntes? Há um apartamento, ou uma mini Igreja dentro de outra Igreja (MARIZ, 2003), no qual cada uma, de certa forma, vive o mesmo dogma, mas de maneiras diferentes?

De certa forma, analisando a estrutura do SVES, percebi certo desdém em relação à presença de tantas pessoas de outros lugares para ministrar o evento e por fim não encontrar o Padre da cidade envolvido nas atividades. Ele não foi convidado? Ele não está envolvido com o processo de planejamento do evento? Ele não é a favor do SVES? Como a “obra” continua caminhando sem a simpatia da autoridade da paróquia?

De acordo com a atual coordenadora geral da “obra” *Shalom* de Redenção, através de entrevista cedida no dia 27 de Março de 2014, em Redenção-CE, a relação com o Padre de Redenção nunca foi das melhores. No entanto, ela deixou claro que a atitude de buscar diálogo sempre partiu do lado dos “Shalomitas”, e a resposta obtida foi na maioria das vezes no mínimo grosseira. A coordenadora geral afirmou que ele é um seguidor fiel dos ideais das CEB’s e que não se interessa pelos movimentos de Renovação Carismática Católica.

Quanto a essa disputa entre CEB’s e RCC, Mariz, (2003) explica que a RCC não pretende mais ser entendida como um movimento no seio da Igreja, ela pretende ser a própria Igreja, só que renovada, “reavivada”, enquanto as CEB’s possuem esse mesmo objetivo, portanto há essa disputa por espaço e por reconhecimento de papéis.

A coordenadora geral declarou também que, algumas pessoas que decidiram engajar-se nas pastorais da Paróquia de Redenção, e que eram adeptas ao *Shalom*, acabaram distanciando-se da “obra”. Eu perguntei o porquê desse desligamento e ela presumiu que através do processo de formação, considerando que esses jovens propuseram-se a assumir a função de acólitos, popularmente chamados de “coroinhas”, o Padre deva ter desconfigurado aquilo que eles tinham absorvido no *Shalom*, e que acabou perdendo o sentido para os mesmos.

Portanto, ser católico *Shalom* em Redenção tem efetiva diferença entre o indivíduo apenas católico e que não aderiu à Renovação Carismática. Ao serem questionados: “Vocês são católicos?” Obteve-se como resposta: “Sim, nós somos *Shalom*”.

Denominarem-se como *Shalom* ao invés de classificar-se como católico leva-nos a deduzir que a Comunidade torna-se uma bandeira, na qual deve ser carregada e afirmada. Para o “Shalomita”, reconhecer-se apenas como católico não dá conta daquilo que ele enxerga em si mesmo. Para que esta pertença à Igreja seja efetivada, ele sente que é preciso usar o nome da Comunidade. “Eu não sou apenas católico, eu sou *Shalom!*” Ser *Shalom*, na visão dos membros da Comunidade, tem valor maior do que ser apenas católico.

O “Shalomita” difere do católico não “Shalomita” em praticamente todos os aspectos cotidianos: simbolicamente, através do uso proposital e exagerado de símbolos católicos, como: terços, blusas da Comunidade, blusas de Santos diversos, disseminação do discurso da Comunidade independente de onde estiver, adesão ao “Tau”, que corresponde a um objeto que os “Shalomitas” consagrados usam pendurado no pescoço para identificar que são “servos” das Comunidades de Vida e Aliança, entre outras características. Além das alterações de comportamento nas celebrações. Por exemplo, observando-se uma missa em Redenção, é fácil distinguir um adepto ao *Shalom* de um católico comum, pois o “Shalomita”, como já foi discutido acima, mantêm sua participação na celebração mais efetiva, enquanto o católico comum parece mais tímido, recatado.

[...] o uso do tau – ou cruz de São Francisco de Assis – pendurado ao pescoço, a fala – independente de qualquer circunstância – sempre referida a Jesus, uma maneira mais sóbria de vestir – sem transparências ou grandes decotes, uma alegria intencionalmente assumida no contato com o outro, o gosto pela oração – em toda situação cotidiana e uma certa tendência à “auto-segregação”, ou seja, a andar sempre com outros membros da RCC evitando os demais (MIRANDA, 1999, p. 51).

Em Redenção o conflito não ocorre apenas entre o Padre e a Comunidade, mas também entre as pessoas que seguem a ideologia conservadora do Pároco e que conseqüentemente não concordam com a forma de expressão do *Shalom*.

A opinião do Padre seria de extrema importância para a conclusão deste capítulo, mas ficou subentendido que ele não gostaria de prestar entrevista, pois nas vezes nas quais ele foi procurado sempre havia algo que impedia-lhe de ser entrevistado, portanto, registra-se apenas a impressão que ficou sobre seu posicionamento, haja vista que muitos dos entrevistados falaram sobre suas atitudes em relação ao *Shalom*.

De acordo com as palavras da atual coordenadora geral do *Shalom*, o diálogo entre paróquia e Comunidade não acontece por negação de um lado apenas. E este lado é coordenado pelo Padre. Para ela, isto está sendo modificado aos poucos após a reforma de cargos realizada na “obra” de Redenção. Para ela o diálogo não acontecia anteriormente, pois o pároco aparentemente não simpatizava com os “núcleos” da “obra”, no entanto, após a troca de coordenadores esta troca de ideias passa a acontecer gradualmente. O *Shalom* pretende “convertê-lo” e fazê-lo entender que a Renovação Carismática veio para ajudar a Igreja a resgatar os fiéis que se perderam, que se afastaram, ou que se “converteram” a outras religiões.

Em Weber (1991) o carisma é definido com relação ao reconhecimento das habilidades extra-cotidianas percebidas no líder. No *Shalom* as habilidades sobrenaturais que tornam o líder um exemplo a ser seguido são compreendidas em Moisés, o fundador, no qual os “Shalomitas” assumem um sentimento de paternidade – pois foi através da sua doação de vida que nasceu a Comunidade –, e no Papa, visto como o líder máximo e pai da Igreja, exemplo principalmente de santidade e liderança. O Carisma para Weber (Idem) é uma “força desreguladora”, por isso que há esse embate e a resistência em acolhê-lo, pois ele propõe novas atitudes, e o novo é sempre visto com estranheza.

Sua fala pode ser descrita e comparada, convergindo com uma passagem de Miranda (1999), na qual fala sobre a dificuldade inicial que a RCC encontrou de ser aceita pela Igreja. Esta tentou de várias maneiras, e de certa forma atualmente conseguiu “clericarizar” o movimento para controlá-lo de perto.

No entanto, mesmo que seja contraditório para a RCC aceitar esta “institucionalização”, pois entra em conflito com os seus objetivos iniciais, o que impede que hajam rupturas, como aconteceu com o Protestantismo, é esta posição de controle tomada pela Igreja. Mesmo com as divergências de ideias, os grupos permanecem atrelados às ordens gerais do Catolicismo. (MARIZ, 2003)

O que a Coordenadora e a “obra” pretendem demonstrar ao Padre é exatamente o que Miranda enxerga na RCC, o aumento significativo “de vocações sacerdotais, além de representar uma contra-ofensiva Católica ao pentecostalismo protestante” (p. 41) e atualmente ao crescimento das religiões de matriz africana, além dos sincretismos religiosos que são considerados como poluidores da fé Católica e que perduram até hoje.

3.2. Contradições da Comunidade *Shalom*

Segundo Souza (2011) a Renovação Carismática Católica apresenta diversas contradições no que diz respeito a ser uma continuidade renovada do ser católico no mundo e ao mesmo tempo uma ruptura com a hierarquia da Igreja Católica.

Trazendo para meu objeto de estudo, a Comunidade *Shalom*, podemos analisar esta ideia de ser um movimento que anseia discutir o Catolicismo ou continuar acatando as ordens da Igreja e vivendo o dogma como lei máxima.

No capítulo anterior dissertei sobre os objetivos gerais da Renovação Carismática Católica no mundo, e dentre os principais anseios dos seguidores dessa corrente de pensamento está: a renovação, reconfiguração, e o “avivamento” do indivíduo católico. A Comunidade *Shalom*, como vimos nos tópicos anteriores, aparentemente cumpre essa tarefa de modificação do ser “adormecido” que vagava pelos templos católicos. Tem grande empenho em atingir o público jovem, pois acredita que dessa forma manterão a Igreja viva e em constante multiplicação através da evangelização.

Com os louvores a Comunidade *Shalom* objetiva apresentar um rito diferente dos missais comuns no qual as pessoas se sentem intimidadas e agem com gestos automáticos, apenas cumprindo aquilo que pertence ao rito e que elas aprenderam ao longo dos anos.

O que pude verificar no seminário de vida no Espírito Santo, promovido pela Comunidade Católica *Shalom* de Redenção durante o período do Carnaval de 2014 foi: jovens que se empenhavam em apresentar uma vida feliz e renovada por um Deus diferente, descrito nas palestras como misericordioso, tolerante e acolhedor, mas que se mantinham apegadas aos direcionamentos da Igreja.

“O culto carismático envolve terço, oração, veneração a Maria, cânticos agitados, leitura da Bíblia, sermões inflamados, curas divinas, milagres e recebimento do Espírito Santo”. (SOUZA, 2011, p. 1) Na comunidade *Shalom*, todos esses elementos estão presentes nos ritos, em conjunto. Como apresentado nos tópicos anteriores, o *Shalom* não utiliza imagens para evitar críticas sobre adoração de Santos, mas a veneração a Maria, que também é criticada, permanece como característica da Comunidade. Para Souza (idem) este é um dos principais pontos que permite diferenciar a RCC dos Pentecostais, o culto à Maria.

Durante a realização do SVES, por muitas vezes foi citada a autoridade do Papa e o respeito que todos deveriam ter quanto as suas decisões. Sempre que possível Moysés Azevedo, fundador da Comunidade *Shalom*, vai à Roma com o intuito de manter laços com as decisões da cúpula Católica.

A renovação que os carismáticos entendem imprimir ao catolicismo, por sua vez, aparece paradoxal. No mínimo reduzida à efetiva participação leiga. Apenas a partir dela chegou-se a ênfase na livre distribuição de carismas pelo Espírito Santo, pois o que se vê é a construção de uma estrutura organizacional cada vez mais rígida, totalmente atrelada à hierarquia e seguidora fiel das orientações da Cúria Romana. E mais, essa obediência irrestrita não é apenas pregada, mas se constitui um motivo de orgulho destacado nos depoimentos de lideranças e demais membros da Renovação carismática (MIRANDA, 1999, p. 127).

Algumas pessoas mais experientes na “Obra” de Redenção declararam que nas formações sempre é ressaltada a importância que se tem em dar atenção e obedecer às decisões do Clero. Considero, portanto, com base nas minhas observações de campo, que esta é uma das contradições da Comunidade *Shalom*. Propor inovar na forma de expressar-se religiosamente e permanecer inexoravelmente submissa à hierarquia e decisões da Igreja Católica, permitindo institucionalizar-se cada vez mais.

CONCLUSÃO

A Renovação Carismática Católica é fruto de um longo processo de “adormecimento” enfrentado pela Igreja Católica e que findou-se através da realização do Concílio Vaticano II, no qual objetivavam reformular a maneira como os sujeitos leigos significavam a religiosidade em suas vidas.

Por ser influenciada pelas correntes pentecostais protestantes, a RCC foi fortemente censurada durante alguns anos, até que seus ideais se consolidaram e o carisma foi estabelecido. A RCC é um movimento católico em que os dons do “Espírito Santo” são relevantes na crença e nos rituais, os adeptos a esta corrente de pensamento acreditam que é através dos “dons” concedidos por ele que se podem realizar os direcionamentos que renovariam a igreja e transformariam a relação do homem pós-moderno com o divino.

A RCC mesmo censurada nos meados de sua fundação acabou sendo coordenada no sentido de não separar-se do seio da Igreja. Para que não houvessem rupturas, a Igreja percebendo o valor do movimento quanto o resgate de “ovelhas perdidas” iniciou um processo de institucionalização, no intuito de gerir seus ritos e suas formas de expressão, que se dão principalmente por meio dos grupos de oração.

São os grupos de oração os responsáveis pela reprodução dos valores e onde se delimitam os “carismas” de cada comunidade de renovação. Neles se difundem as novas formas de rezar, de manusear a bíblia, de louvar, e de “resignificar” a participação do leigo na Igreja, modificando principalmente a sua forma de enxergar o “mundo” além daquele que ele vivencia.

A RCC chegou ao Brasil no ano de 1969 e se difundiu rapidamente por todo o território brasileiro. Seu principal coordenador foi o Padre Haroldo Joseph Rham. Este soube inseri-la nos grupos de jovens que atuavam Brasil a fora. Os jovens que integravam estes grupos foram basicamente o laboratório para que a RCC conseguisse se enraizar no Brasil.

A chegada da RCC veio a calhar se considerarmos o período no qual ela iniciou seus trabalhos em solo brasileiro. A partir dos anos 50 a Igreja Católica no Brasil enfrentava dificuldades em barrar o crescimento das religiões de matriz afro e o surgimento cada vez mais exacerbado das Igrejas Protestantes. Com a RCC foi possível traçar uma estratégia para tentar igualar-se na disputa por fieis.

Dentre as mais variadas Comunidades Carismáticas que surgiram no Brasil, a Comunidade *Shalom* se destaca pelo seu crescimento considerável. *Shalom* tem como carisma central a evangelização, por isso ela consegue “arrebanhar” e encantar tantos fieis por passa e se instala como “obra”. Seu foco é a tradução do “amor” de Deus, através do desejo que o adepto ao *Shalom* tem de converter o não adepto, para que ele viva a mesma “alegria” que o primeiro supostamente encontrou.

A Renovação Carismática Católica modifica seus indivíduos no sentido religioso, pois anseia em “avivá-los” para que estes possam ser ativos no interior da Igreja. No *Shalom* o indivíduo adepto experimenta este “avivamento” em todos os âmbitos de sua vida, tanto sociais quanto religiosos. Ele se vê completamente envolvido por aquilo que a comunidade prega, pois existe uma formação intensa no dia-a-dia de cada um. O “Shalomita” passa a enxergar o mundo através do que o *Shalom* aponta como bem e mal, verdade e mentira, aceitável e não aceitável etc. Além de que sua mudança comportamental perpassa o espaço onde ele se encontra com os outros que também vivem a comunidade.

O fato de o “Shalomita” interpretar o mundo com os direcionamentos da comunidade faz com que ele preze por estar rodeado apenas por pessoas que aderem as mesmas coisas que ele vive para evitar o conflito e o debate de ideias. Este indivíduo entende que tudo que está além do *Shalom* é distorcido e vulnerável as ações do “demônio”, pois não busca a “santidade” como ele. Portanto, tudo que está além do mundo do *Shalom* deve ser evitado para não dar espaço e chances de se “desvirtuar”.

O “diabo” é recorrentemente introduzido no discurso da comunidade *Shalom* para explicar tudo que foge do que a bíblia prega. Quando alguém passa por momentos difíceis na família, por problemas de saúde, financeiros, desemprego, etc. acredita-se que isto, assim como na Idade Média, é resultado de um pecado e que sem “confissão” o sujeito torna-se vulnerável as “artimanhas” do “diabo”, e perde a “graça plena” de estar “em dias” com Deus.

Ser *Shalom* torna-se uma forma de expressar-se como um “Católico praticante”, pois atualmente qualquer pessoa se classifica como Católico mesmo que não siga a rigor o dogma da Igreja. Por isso, provavelmente nenhum “Shalomita” quando indagado sobre sua religião responderá que é apenas Católico, virá sempre o acréscimo de que é *Shalom*.

Enxergar-se como *Shalom*, de certa forma, é assumir a qualidade de ser um Católico melhor, mais engajado e ciente do que afirma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. Editora Vozes, Petrópolis, Brasil, 2003.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática**: origens, mudanças, tendências. 1998. 261 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, agosto, 1998.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. (1994)

JÚNIOR, João W. R. Chagas. **Uma obra nova para um novo tempo. A espiritualidade da Comunidade Católica Shalom**. Edições Shalom, Aquiraz, Brasil, 2011.

MARIZ, Cecília L. **A Renovação Carismática Católica**: Uma igreja dentro da Igreja? Civitas, Porto Alegre, v. 3, nº 1, p. 169-186, jun. 2003.

MARIZ, Cecília. L. **Comunidades de vida no Espírito Santo**: juventude e religião. Tempo Social. Revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. p. 253-273, Novembro, 2005.

MARTÍNEZ, María Angélica Ospina. **Satanás se “desregula”**: sobre la paradoja del fundamentalismo moderno en la renovación carismática católica. Universitas Humanística nº 61. Bogotá – Colombia, p. 135-162, Enero - Junio de 2006.

MIRANDA, Julia; **Carisma, Sociedade e Política: novas linguagens do Religioso e do Político**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, Brasil, 1999.

MIRANDA, Julia. **Convivendo com o “diferente”**: Juventude carismática e tolerância Religiosa. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, p. 117-142, 2010.

NICOLAU, R. F. **O sentido da comunidade Católica Shalom entre os carismáticos de Fortaleza**. Revista de Ciências Sociais – UFC, v. 37, nº 1, P. 77-91, 2006.

SOUZA, Marcos Eliezer. **CONTRADIÇÃO BÁSICA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA: CONTINUIDADE OU RUPTURA?** Revista científica da UFPA – edição nº 01, março, 2001.

VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica. Algumas observações**. Estudos avançados, vol.18, nº 52, São Paulo, Set/Dez, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

Referências de Website

PORTAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL. **A Renovação Carismática Católica no Brasil – Histórico**. 2005-2010. Disponível em <<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=37>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

INSTITUIÇÃO PADRE HAROLDO. **Histórico e currículo.** Disponível em <<http://www.padreharoldo.org.br>> . Acesso em: 29 abr. 2014.

FRANCISCANOS. **Breve Concepto da Espiritualidade Franciscana.** 2009. Disponível em <<http://www.franciscano.org.br/v3/pages/texto.php?id=122>>. Acesso em: 29 de abr. 2014.

ASSOCIAÇÃO DO SENHOR JESUS. **Padre Eduardo.** 2014. Disponível em <<http://www.asj.org.br/padreeduardo.asp>>. Acesso em: 29 de abr. 2014.

Entrevistas

Entrevistada 01 – 19 de Março – Redenção – CE

Entrevistada 02 – 27 de Março – Redenção – CE